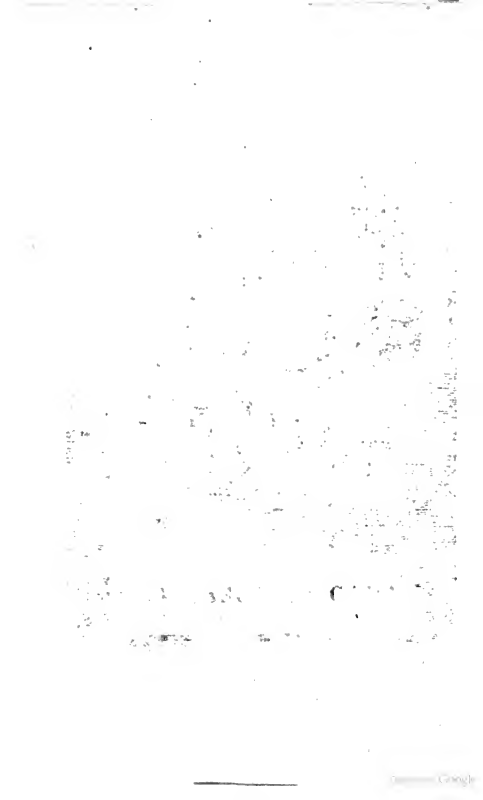
OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

TOMO SEGUNDO.

DOM VASCO DA GAMA

OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

TERCEIRA EDIÇÃO,

DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE FEZ EM LISBOA NOS ANNOS DE 1779, E 1780.

TOMO II.

PARIS,

NA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.

E ACHA-SE EM LISBOA,

EM CASA DE VIUVA BERTRAND E FILHOS.

MDCCCXV.

LUSIADA

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

CANTO SEXTO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEXTO.

Sahe Vasco da Gama de Melinde, e em quanto navega prosperamente, desce Baccho ao mar: descripçaõ do Palacio de Neptuno: convoca o mesmo Baccho os Deoses maritimos, e lhes persuade destruaõ aos navegantes: em quanto isto se passa, refere Velloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra: levanta-se horrorosa tormenta: he aplacada por Venus, e pelas Nymphas: com bonança chegaõ finalmente a Calecut, ultimo, e desejado termo desta navegaçaõ

OUTRO ARGUMENTO.

Parte-se de Melinde o Illustre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento:
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.

Gravé par Ambroise Tardieu, à Paris quai des augustins N.° 59.

E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:

Canto 6. Est. 91.

LUSIADA.

CANTO SEXTO.

I.

Naõ sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes taõ possantes:
Peza-lhe que taõ longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que naõ o fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio caminho.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia a Antonio alegra, e engana:
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III.

Mas vendo o Capitam, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os Pilotos da terra, e o mantimento;
Naõ se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagaõ benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu Reino, e Estado:
E que em quanto ao seu corpo o esprito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e Reino totalmente,
Por taõ bom Rei, por taõ sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitam, e logo as vélas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No Piloto que leva, naõ havia
Falsidade, mas antes vaî mostrando
A navegaçaõ certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas que entaõ se apparelhavam
A' gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Naõ o póde estorvar, que destinado
Está de outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce, em fim, desesperado:
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido Reino, e vai-se á Corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde;
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás Cidades,
Que habitam estas humidas deidades;

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas alli de prata fina :
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystalina.
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro, e radiante.

X.

As portas de ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estaõ lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace,
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a taõ confusa face :
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha :
De aqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo apoz elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar; e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no Mundo estar vazio.

XII.

Estava a terra em montes, revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara fórma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co' os Gigantes:
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes.
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado,
Na vista destas cousas; mas entrando
Nos Paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua o estava ja aguardando:
A's portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que se estaõ maravilhando
De ver que comettendo tal caminho
Entre no Reino da agua o Rei do vinho.

XV.

O' Neptuno, lhe disse, naõ te espantes
De a Baccho nos teus Reinos receberes;
Porque tambem co' os grandes, e possantes,
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais: se ouvîr-m'o mais quizeres:
Veraõ da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritaõ, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda.
Tritaõ, que de ser filho se gloría
Do Rei, e da Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro, e fêo,
Trombeta de seu pai, e seu corrêo.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Hũus limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecêram.
Nas pontas pendurados naõ fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram:
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nú, e os membros genitais,
Por naõ ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento, e cento.
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras, e breguigões de musgo sujos,
Às costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já rocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os Paços caminhava
Do deos que fez os muros de Dardania
Destruidos despois da Grega insania.

XX.

Vinha o Padre Occeano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerára;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de Nymphas povoára:
O Propheta Protheo deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amára,
Alli veio tambem, mas já sabia
O que o Padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo, e Vesta filha;
Grave, e léda no gesto, e taõ formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se:
Que tanto bem naõ he para esconder-se.

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso naõ quiz que fallecesse;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Co' os olhos, que de tudo saõ senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão: igual partido;
Pois ambas saõ esposas de hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No número dos deoses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela arêa
No colo o toma a bella Panopéa.

XXIV.

E o deos que foi hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa;
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre, e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal:
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co' o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co' o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhorêas
D'hum Polo, ao outro Polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfrêas
Que naõ passem o termo limitado:
E tu, Padre Occeano, que rodêas
O Mundo univerfal, e o têes cercado;
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que naõ soffreis
Injúria algũa em vosso Reino grande,
Que com castigo igual vos naõ vingueis
De quem quer que por elle corra, e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razaõ endurecidos,
Contra os humanos, fracos, e atrevidos?

XXIX.

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já cometter o Ceo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com véla, e remo:
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar, e do Ceo, em poucos anos,
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vedes agora a fraca geraçaõ
Que de hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coraçaõ,
A vós, e a mi, e o Mundo todo doma.
Vedes, o vosso mar cortando vaõ,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso Reino devassando,
Os vossos estatutos vaõ quebrando.

XXXI.

Eu vi, que contra os Mynias, que primeiro
No vosso Reino este caminho abríram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistíram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentíram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII.

E naõ consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do Ceo desci;
Nem da mágoa da injúria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no Mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo Mundo,
Famas móres que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses, que a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razaõ valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver se o preço que no Ceo perdi,
Por ventura acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e naõ passou de aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltáram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades da agua em fogo.

XXXV.

A ira com que subito alterado
O coraçaõ dos deoses foi n'hum ponto,
Naõ soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilaçaõ, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que naõ haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Protheo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia.
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou.

XXXVII.

Já lá o soberbo Hypotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o Ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este concelho se fazia
No fundo aquoso, a léda lassa frota,
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquíllo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam.
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he taõ pezado,
Senaõ com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Naõ he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Naõ soffre amores, nem delicadeza.
Antes de guerra férvida, e robusta,
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprehendam
De contar cousa fabulosa, ou nova.
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do Reino a rédea leve
Joaõ, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado, e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erynnis dura, e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentís da Corte Inglesa,
E nobres Cortezãos, acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa,
Ou foi opiniaõ, ou foi porfia.
Os Cortezãos, a quem taõ pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem: Que provaráõ, que honras, e famas,
Em taes damas naõ ha para ser damas.

XLV.

E que se houver alguem com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe daraõ fêa infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes, convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,
No Reino os inimigos, naõ se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos d'alabastro,
Se vaõ todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militára
Co' os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Naõ menos nesta terra exprimentára
Namorados affectos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que soccorrer lhes naõ queria,
Por naõ causar discordias intestinas,
Lhes diz: Quando o direito pertendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes taõ divinas,
Que elles sós poderiam, senaõ érro,
Sustentar vossa parte a fogo, e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhes mandarei Embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras de affagos, e de amores,
Lhes sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhes nomêa doze fortes:
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhes manda que sobre elles lancem sortes:
Que ellas só doze saõ: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada hũa escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a Corte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas naõ lho soffre a Régia Magestade.
Qualquer dos Cortezãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade;
E só fica por bemaventurado,
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal Cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas d'uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Naõ ha na companhia differença
De Cavalleiro destro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Várias gentes, e leis, e várias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do Mundo as cousas saõ tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Naõ for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Naõ faraõ que eu comvosco la naõ seja.

LVI.

Assi diz; e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim, se parte:
Passa Leaõ, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte:
Navarra co' os altissimos perigos
Do Perynêo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas, em fim, de França as cousas grandes,
No grande Emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias,
Mas dos onze a illustrissima companha,
Corta do mar do Norte as ondas frias.
Chegados da Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque saõ com festa agasalhados,
E das damas servidos, e animados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado
D'entrar em campo já co' os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se, de elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de cores, e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que naõ vinha, com tristeza
Se veste, por naõ ter quem nomeado
Seja seu Cavalleiro nesta impreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na Corte Ingleza;
Que as damas vencedoras se conheçam
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX.

Já n'hum sublime e público theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a Corte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Naõ saõ vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
De força, esforço, e de animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallos, escumando
Os aureos freos com feroz sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando,
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Víram todos o rosto adonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum Cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem naõ falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta, mais que virtude ama.
Já daõ signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflama:
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coraçaõ no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo vôa, que naõ dece;
Qual co' o cavallo em terra dando geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum de alli tomou perpétuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres, já fóra vaõ do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo; com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas, e affamadas,
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus Paços com festas, e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e chara terra.

LXVIII.

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes:
E como quem naõ era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Já teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
Co' hũ Germano enganoso, que com manha
Naõ devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede, que naõ faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o Mestre que olhando os ares anda,
O apito toca, acorda despertando
Os marinheiros d'hũa e d'outra banda.
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda.
A'lerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

Naõ eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o Mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande véla.
Naõ esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, co' hum ruido
Que o Mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O Ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da véla, a nao pendente
Toma grão somma de agua pelo bordo.
Alija, disse o Mestre, rijamente:
Alija tudo ao mar, naõ falte acordo:
Vaõ outros dar á bomba, naõ cessando:
A' bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
À dar á bomba, e tanto que chegáram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á nao, n'hum bordo os derribáram:
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme naõ bastáram;
Talhas lhe punham d'huma, e outra parte,
Sem aproveitar de homẽes força, e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes, que naõ puderam
Mostrar mais força de impeto cruel,
Se para derribar entaõ vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crescêram,
A pequena grandura de hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio:
Quasi toda alagada a gente chama
A' quelle que a salvar o Mundo veio.
Naõ menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho, com receio,
Com quanto teve o Mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvẽes os subiam
As ondas de Neptune furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As íntimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a máchina do Mundo:
A noite negra, e fêa, se allumia
Co'os raios em que o Polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantáram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causáram.
Os delphijs namorados entretanto,
Lá nas covas maritimas se entráram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca taõ vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O grão Ferreiro sórdido que obrou
Do enteado as armas radiantes.
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao Mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós vivéram
Os dous, que em gente as pedras convertêram.

LXXIX.

Quantos montes entaõ que derribáram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancáram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes naõ cuidáram
Que nunca para o Ceo fossem viradas;
Nem as fundas arêas que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que taõ perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil póde, desta sorte:

LXXXI.

Divina Guarda, Angelica, Celeste,
Que os Ceos, o mar, e a terra senhorêas;
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das Syrtes arenosas, e ondas fêas,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado, e vacuo Mundo:

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
De outro Scylla e Charybdis já passados,
Outras Syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados:
No fin de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho naõ te offende,
Mas antes teu serviço só pertende?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas,
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos naõ cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro, no Horizonte
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com léda fronte:
A deosa que nos Ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, e a chara armada víra,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras, de Baccho saõ por certo,
Disse; mas naõ será que avante leve
Taõ damnada tençaõ, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás Nymphas amorosas,
Grinaldas nas cabeças pòr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de várias cores,
Sobre cabellos louros á porfia.
Quem naõ dirá que nascem roxas flores,
Sobre ouro natural que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi, porque tanto que chegáram
A' vista dellas, logo lhes fallecem
As forças com que d'antes pelejáram,
E jà como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e mãos parece que lhe atáram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithyia:

LXXXIX.

Naõ crêas, fero Boreas que, te crêo,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arrêo,
E naõ convém furor a firme amante:
Se já naõ pões a tanta insania frêo,
Naõ esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatéa
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vê-la se recréa,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Naõ sabe o bravo, tanto bem se o crêa,
Que o coraçaõ no peito lhe naõ cabe:
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:
Ella lhes prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhes serem leaes esta víagem.

XCII.

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergáram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o Piloto Melindano:
Terra he de Calecut, se naõ me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece;
E se do Mundo mais naõ desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui naõ pode o Gama mais,
De lédo em ver que a terra se conhece:
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razaõ tinha,
Que naõ sómente a terra l'he mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado taõ asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, férvido, e medonho,
Como quem despertou d'horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que saõ de fama amigos,
As honras immortaes, e graos maiores.
Naõ encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus Antecessores;
Naõ nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia Zebellinos.

XCVI.

Naõ co' os manjares novos, e exquisitos;
Naõ co' os passêos molles, e ociosos;
Naõ co' os varios deleites, e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos:
Naõ co' os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre taõ mimosos,
Que naõ soffre a nenhum, que o passo mude
Para algũa obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias súas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e Regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado co' hum arduo soffrimento.

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, lédo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e naõ virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e naõ de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e naõ rogando.

FIM DO CANTO SEXTO.

LUSIADA.

CANTO SEPTIMO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEPTIMO.

Por occasião deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel, e poetica exhortaçaõ aos Principes Christaõs, acordando-lhes semelhantes emprezas: descripçaõ do Reino do Malabar, em que jaz o Imperio de Calecut, em cujo porto a Armada dá fundo: recebe o Imperador, ou Samori ao Gama com honradas demonstracões: apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra: vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

OUTRO ARGUMENTO.

Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao Rei potente;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
E recebido bem da Indica gente,
Co' o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

Ja' se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,

Canto 7. Est. 1.

LUSIADA.

CANTO SEPTIMO.

I.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Qu'entre as corrẽtes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no Ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geraçaõ de Luso, digo,
Que taõ pequena parte sois no Mundo;
Naõ digo inda no Mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o Ceo rotundo:
Vós, a quem naõ sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso naõ pezais;
Vòs, que á custa de vossas várias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas saõ as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vedes os Alemães, soberbo gado,
Que por taõ largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo Pastor e nova seita inventa:
Vêde-lo em fêas guerras occupado,
Que inda co' o cego error se naõ contenta;
Naõ contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vedes o duro Inglez, que se noméa
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoréa:
Quem vio honra taõ longe da verdade?
Entre as Boreaes neves se recrêa,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Naõ por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A Cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle naõ guarda a sancta Lei
Da Cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Naõ para defendê-lo, nem guardá-lo,
Mas para ser contra elle, e derribá-lo.

VII.

Achas que tēes direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu taõ largo, e tanto;
E naõ contra o Cyniphio, e Nilo, rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se haõ de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis o nome, e a terra,
Herdaste: e as causas naõ da justa guerra?

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no Mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo.
Comtigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miséros Christãos! Pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũus aos outros se daõ a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Naõ vedes a divina Sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes que tem por uso, e por decreto,
Do qual saõ taõ inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto,
Contra os povos que saõ de Christo amantes?
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles, e vós sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alhêas;
Naõ vedes que Pactolo, e Hermo, rios,
Ambos volvem auriferas arêas?
Em Lydia, Assyria lavram d'ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes vêas:
Mova-vos já sequer riqueza tanta,
Pois mover-vos naõ póde a Casa santa.

XII.

Aquellas invenções feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria,
A Turca geraçaõ, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estaõ, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcoraõ: (duro tributo!)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E naõ queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos, e sedentos,
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Naõ faltaráõ Christãos atrevimentos
Nesta pequena Casa Lusìtana:
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais Mundo houvera lá chegára.

XV.

E vejamos em tanto, que acontece
À quelles taõ famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias taõ constantes,
Onde vem semear de Christo a Lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegáram,
Leves embarcações de pescadores
Acháram, que o caminho lhes mostráram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porquè esta era a Cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII.

À lém do Indo jaz, e áquem do Gange,
Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis; algũus o vicioso
Mafoma, algũus os idolos adoram,
Algũus os animaes que entre elles moram.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
Taõ larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes taõ diversos vai tomando,
Segundo as Regiões por onde corre;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum, e outro rio, em grande espaço
Sahe da larga terra hũa longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilaõ Insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantém das finas flores.

XX.

Mas agora de nomes, e de usança,
Novos, e varios saõ os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, saõ mais abundantes:
Decânis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvaçaõ nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra naõ lhe iguala.

XXI.

O Reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente)
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais d'ouro, e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de Imperio, rica, e bella:
Samori se intitula o Senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez, mandado, logo parte
A fazer sabedor o Rei Gentio
Da vinda sua a taõ remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a naõ vista arte,
A côr, o gesto estranho, o traje novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIV.

Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na Regiaõ da Barbaria,
Lá onde fora Anthêo obedecido:
Ou pela visinhança jà teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a taõ longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro Mundo,
Taõ longe da tua patria Lusitana?
Abrindo (lhe responde) o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei Divina se accresente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.
Mas vendo, em fim, qne a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegría naõ póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
O que o lédo Monçaide lhe offerece:
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come, e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da Cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece:
Sobem á Capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitam o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta; e prompto, e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro;
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: O' gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho;
Que destino taõ grande, ou que ventura,
Vos trouxe a cometterdes tal caminho?
Naõ he sem causa, naõ, occulta, e escura,
Vir do loginquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A Reinos taõ remotos, e apartados

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pertende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido, e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra entaõ viessem,
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem;
(No qual me instituiram meus parentes)
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal: de sabios, e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Naos arma, e nellas mete curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o Propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Co' os seus reparte, porque naõ lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a Ilha da pimenta;
A qual Coulaõ, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato, nobre, e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co' o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o Imperio manda, e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica, e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nús, e sómente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados saõ; e a menos dina
Poleás tem por nome; a quem obriga
A lei naõ misturar a casta antiga.

XXXVIII.

Porque os que usáram sempre hũ mesmo officio,
D'outro naõ podem receber consorte;
Nem os filhos teraõ outro exercicio,
Senaõ o de seus passados, até á morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
Naõ tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária:
Os Naires sós saõ dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Brachmanes saõ os seus Religiosos,
Nome antigo, e de grande preeminencia:
Observam os preceitos taõ famosos
De hum, que primeiro poz nome á sciencia:
Naõ matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI.

Géraes saõ as mulheres; mas somente
Para os da géraçaõ de seus maridos:
Ditosa condiçaõ, ditosa gente,
Que naõ saõ de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes variamente
Saõ pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato, em tudo aquilo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela Cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandára
O Capitam da armada, que chegára.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, accompanhado
De Nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum Regedor do Reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que vá: costume usado;
Que nos hombros dos homẽes he levado.

XLV.

Desta arte o Malabar, desta arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vaõ ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entre elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela Cidade caminhando,
Onde huma rica fábrica se erguia
De hum sumptuoso Templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

Alli estaõ das deidades as figuras
Esculpidas em pao, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhes fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas;
Qual a Chimera em membros se varía:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em fórma humana, estaõ maravilhados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Lybia estava:
Outro em hum corpo, rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava:
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava:
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui, feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoraçaõ,
Direitos vaõ sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vaõ:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co' os que vem ver o estranho Capitaõ:
Estaõ pelos telhados, e janellas,
Velhos, e moços; donas, e donzellas.

L.

Já chegam perto, e naõ com passos lentos,
Dos jardijs odoriferos, formosos,
Que em si escondem os Régios aposentos,
Altos de torres naõ, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na Cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguïdade:
Affiguradas vaõ com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exército que pisa
A terra Oriëntal, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum Capitam de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Taõ proprio, que se alli estiver Semelle,
Dirá por certo, que heu seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante bebendo sécca o rio
Mui grande multidaõ da Assyria gente,
Sujeita ao feminino senhorio
De hũa taõ bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia.
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas;
Terceira Monarchia, e sobjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
De hum Capitam mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já naõ de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitaõ:
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Estas que agora olhais abateráõ:
Aqui se escreveráõ novas historias
Por gentes estrangeiras que viráõ;
Que os nossos sabios Magos o alcançáram,
Quando o tempo futuro especuláram.

LVI.

E diz-lhe mais a Magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Naõ valerá dos homẽes resistencia,
Que contra o Ceo naõ val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha,
Será tal, que será no Mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que naõ se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor:
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e próspero Senhor:
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente,
Co' os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brachmane, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samori no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande auctoridade logo aquista
Na opiniaõ do Rei, e do povo todo,
O Capitam lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O Ceo volubil, com perpétua roda,
Da terra a luz Solar co' a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda;
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado está, e a Magestade,
Vínculo quer comtigo de amizade.

LXI.

E por longos rodêos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Gelanda,
Até bem donde o Sol naõ muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu Reino em grande copia.

LXII.

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra, e nua,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas das terras, sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças,
Por quem a gente mais trabalha, e sua;
De vossos Reinos será certamente,
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça,
Com gente, armas, e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha, e te conheça,
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitaõ,
A quem o Rei Gentio respondia,
Que em ver embaixadores de naçaõ
Taõ remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tençaõ
Com os de seu Conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e a terra que dissera.

LXV.

E que em tanto, podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
A's humanas canseiras, porque ceve
De doce sommo os membro trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram juntamente
O Gama, e Portuguezes no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto, e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova,
Dos estranhos quem saõ; que ouvido tinha,
Que he gente de sua patria mui visinha.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe désse
Informaçõ mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te nisto mais, naõ saberia:
Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei de hum Propheta, que gérado
Foi, sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por Bafo está approvado
Do Deos, que tem do Mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles, com virtude sobre humana,
Os deitáram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famosos:
E, naõ contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos naõ querem deixar viver seguros,
Tomando-nos Cidades, e altos muros.

LXXI.

Naõ menos tem mostrado esforço, e manha,
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá de algũus que do Pyrene deçam:
Assi que nunca, em fim, com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, naõ, te affirmo, e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informaçaõ naõ for inteira,
Tanto quanto convém, delles pertende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira géraçaõ, que o mar coalhava:
A' Capitaina sobem forte, e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos saõ os toldos; e as bandeiras
Do rico fio saõ, que o bicho gera:
Nellas estaõ pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A seita Epicurêa experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrára á gente:
Mas comer o Gentio naõ pertende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo, o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homẽes, que em retrato breve
A muda Poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte; e o Mauritano
Os olhos põe no bellico trasunto
De hum velho branco; aspeito venerando;
Cujo nome naõ pode ser defunto
Em quanto houver no Mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita;
Hum ramo por insignia na direita,

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha. Mas oh cego
Eu, que cometto insano, e temerario,
Sem vós, Nimphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho taõ arduo, longo, e vário!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento taõ contrário,
Que se naõ me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai, que ha tanto tempo que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos;
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condenna,
N'hũa mão sempre, a espada, e n'outra a penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alhêos degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de hum fio pendia taõ delgado,
Que naõ menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, naõ bastava
Que tamanhas miserias me cercassem,
Senaõ que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventáram,
Com que em taõ duro estado me deitáram.

LXXXII.

Vede, Nymphas, que engenhos de Senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros Escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me naõ falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que naõ o empregue em quem o naõ mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sobpena de naõ ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, naõ, que fama désse
A quem ao bem commun, e do seu Rei,
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana-Lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo fêo;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Prothéo:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com hábito honesto, e grave véo;
Por contentâr ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Gardar-se a lei do Rei severamente,
E naõ acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com maõ rapace, e escassa,
Os trabalhos alhêos, que naõ passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuráram
Por seu Deos, por seu Rei a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilatáram,
Tambem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanháram,
Me dobraráõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIM DO CANTO SEPTIMO.

LUSIADA.

CANTO OITAVO.

ARGUMENTO

DO CANTO OITAVO.

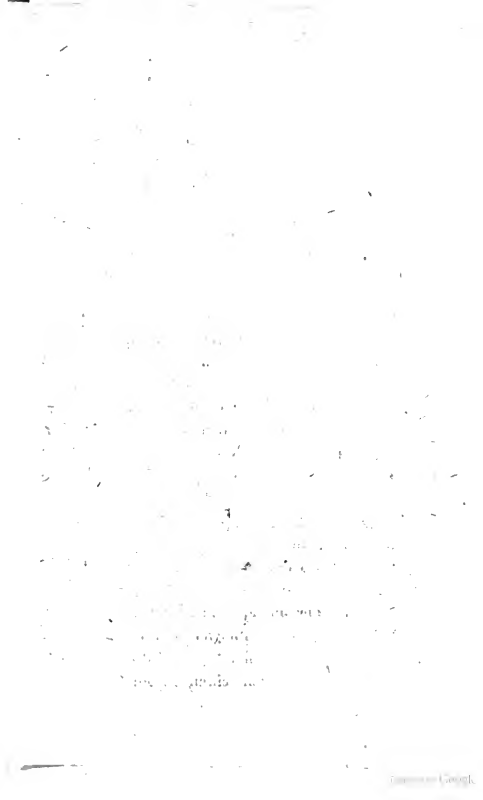
Vê o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaraçaõ que dellas lhe faz Paulo da Gama: origem do nome Lusitania: feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até ElRei D. Afonso V: manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada; elles o informaõ contra os navegantes: pertendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

OUTRO ARGUMENTO.

Vem-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria saõ merecedores
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores,
Consultam os Haruspices famosos,
E corruptos com davidas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.

J. W. Harding del. Amb. Tardieu sculp.

Na mão levava. Feito nunca feito.
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

Canto 8. Est. 21.

LUSIADA.

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que víra estar pintada,
Que por divisa hũ ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
Quem era, e porque causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada;
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos, e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras, e nos feitos:
Antiguos saõ, mas inda resplandecem
Co' o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
Ao nosso Reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que taõ diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino usou:
Do Douro, Guadiana, o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra, e avisa,
Que foi seu companheiro, e filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter taõ longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E Templo a Pallas, que em memoria fica?

V.

Ulysses he o que faz a sancta casa
À deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado.
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affamado;
Naõ tem com elle, naõ, nem ter puderam
O primor que com Pyrrho já tiveram.

VII.

Com força naõ, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiráram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda q̃ honrosa,
Às vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

Vês? Comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter valídas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha taõ subtís artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, taõ fingidas;
A fatidica Cerva que o avisa;
Elle he Sertorio, e ella sua divisa.

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão Progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os Estrangeiros:
Despois de ter os Mouros superado,
Gallegos, e Leonezes Cavalleiros,
A' Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro, q̃ me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com taõ pouca, tem roto, e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá nunca cansado,
Tantas corôas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estendartes?

XI.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estygio lago jura a fama,
De mais naõ celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma;
Para quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Taõ pequeno poder, taõ pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente:
Naõ crêas que seus nomes se estendêram
Com glorias immortaes taõ largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos saõ notaveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido Alumno, mal soffrido
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Vê-lo cá vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nú de seda, e pano,
Porque naõ quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhano:
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Naõ fez o Consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo, foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme, e constante;
Est'outro a si, e aos filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este que sahindo da cilada
Dá sobre o Rei, que cérca a Villa forte;
Já o Rei tem preso, e a Villa descercada,
Illustre feito, digno de Mavorte?
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co' o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em taõ justa, e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII

Naõ vês hum ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso Cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos saõ os Martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enrista a lança:
He Theotonio Prior: mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

XX.

Vê-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o Alferes mata,
E o Hispalico pendaõ derriba em terra.
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co' os ossos cerra;
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba; a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A Cidade por manhas, e ousadias.
Ella por armas toma a semelhança
Do Cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava. Feito nunca feito.
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Naõ vês hum Castelhano, que aggràvado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co' os Mouros he deitàdo,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes Villa toma, acompanhado
Dos duros infiéis que traz comsigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII.

Martim Lopes se chama o Cavalleiro,
Que destes levar póde a palma, e o louro.
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago d'ouro.
Vê-lo entre os duvidosos taõ inteiro,
Em naõ negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o signal no Ceo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV.

Vês? Vaõ os Reis de Cordova, e Sevilha,
Rotos, com outros dous, e naõ de espaço
Rotos; mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que naõ de humano braço.
Vês? Já a Villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
Que a corôa de palma alli corôa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de naçaõ, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Naõ acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella.
Villas, Castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês? Com bellica astucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas naõ passes os tres q̃ em Franca e Hespanha
Se fazem conhecer perpétuamente,
Em desafios, justas, e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Vê-los? Co' o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós leváram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de algũus se exercitáram.
Vê mortos os soberbos Cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiáram,
Que Gonçalo Ribeiro se noméa,
Que póde naõ temer a lei Lethéa.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Naõ o vês tinto de ira, que reprehende
A vil desconfiança inerte, e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freo
De Rei seu natural, e naõ de alheo?

XXIX.

Olha por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiada sò, e de sancta estrella,
Só póde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço, e valentia,
Outro estrago, e victoria clara, e bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX.

Mas naõ vês quasi já desbaratado.
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitam devoto, que apartado
Orando invoca a summa, e trina Essencia?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança
Que inda naõ era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria que logo lhe daria.
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando:
Pois eu (responde) estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se noméa,
Portuguez Scipiaõ chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrêa.
Ditosa patria que tal filho teve,
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodêa
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal Aluno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que presas ganha
Este' outro Capitam de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez, e vil engano:
Gil Fernandes he d'Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés; diante posto.

XXXV.

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em de redor, para os tomar se estendem.
Porem logo sentíram, com seus danos,
Que naõ só se defendem, mas offendem.
Digno feito de ser no Mundo eterno:
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antiguamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejáram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustráram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixáram,
Que aos muitos por ser poucos naõ temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas de Cidade.

XXXVIII.

Vês? o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês outro Conde está: que represénta
Em terra Marte, em forças, e ousadia.
De poder defender se naõ contenta,
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias que os Pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
Honra, premio, favor, que as Artes criam.
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre, e do valor de seus passados,
Em gostos, e vaidades atolados.

XL.

Aquelles Pais illustres que já deram
Princípio á geraçaõ que delles pende,
Pela virtude muito entaõ fizeram,
E por deixar a Casa que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhes deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes, e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Daõ mais q̃ a mil, q̃ esforço e saber tenham:
Estes os seus naõ querem ver pintados,
Crendo que cores vãas lhes naõ convenham:
E como a seu contrario natural,
A' pintura que falla querem mal.

XLII.

Naõ nego, que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica
Que com costumes altos, e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhes fica.
E se a luz dos antigos seus parentes,
Nelles mais o valor naõ clarifica,
Naõ falta ao menos, nem se faz escura:
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a vária tinta,
Que a docta maõ taõ claros, taõ perfeitos,
Do singular artifico alli pinta.
Os olhos tinha promptos, e direitos,
O Catual na historia bem distinta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a Lampada grande se escondia
Debaixo do Horizonte, e luminosa
Levava aos Antipodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia,
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV.

Entretanto os Haruspices famosos
Na falsa opiniaõ, que em sacrificios
Antevém sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, et indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte, e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhes mostra o demo verdadeiro,
De como a nova gente lhes seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruiçaõ de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito Agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos que alcançára
Nas entranhas das victimas que olhára.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos naõ remoto
Contra a Divina Fé, que tudo excede;
Em fórma de Propheta falso, e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odiozo, em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda senaõ dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida que naõ he mais que sonho usado.
Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Naõ conheces
O graõ legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, vélo, e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo saõ, seraõ mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista
Taõ cega fica, quanto o ficareis
Se raizes criar lhe naõ tolheis.

LI.

Isto dito, elle e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno:
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico, e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou da conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se daõ, segundo o que entendiam:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruicaõ da gente pertendiam,
Por manhas mais subtís, e ardís melhores,
Com peitas adquirindo os Regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis, e discretas,
Mostram ser perdiçaõ dos naturaes;
Dizendo: que saõ gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
Olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como este posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Da que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa, e certa,
Que se enleve em hũ pobre, e humilde manto,
Onde ambiçaõ acaso ande encoberta.
E quando hũ bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do Mundo pouco acerta:
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que naõ pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do Mundo que deixava descoberto:

LVII.

Nisto trabalha só, que bem sabia,
Que despois que levasse esta certeza,
Armas, e naos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza;
Com que a seu jugo, e lei submetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle naõ era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentio em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa, e indina,
Naõ era d'espantar-se se espantasse;
Que taõ crédulo era em seus agouros.
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza esta sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres:
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O Grande Capitam chamar mandava;
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa, e nua,
Perdaõ alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que deteu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tù tées Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida.
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei ou Senhor de insania desmedida
Ha de vir cometter com naos, e frotas,
Taõ incertas viagées, taõ remotas?

LXII.

E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a Régia Magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças e dões altos somptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que signal, nem penhor, naõ he bastante
As palavras de hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homẽes de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que taõ mal o Rei cuidava:
Co' huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

Se os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Naõ causáram, que o vaso da iniquicia,
Açoute taõ cruel da Christandade,
Viera por perpétua inimicicia
Na géraçaõ de Adaõ, co' a falsidade;
O' poderoso Rei da torpe seita,
Naõ concebéras tu taõ má suspeita.

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu taõ pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrário, que acharias
Senaõ cresses a quem naõ crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse
Undívago, ou da patria desterrado,
Como crês que taõ longe me viesse
Buscar assento incognito, e apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria experimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, a os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

Se com grandes presentes de alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu naõ vim mais que achar o estranho clîma,
Onde a natura poz teu Reino antigo.
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne a minha patria, e Reino amigo,
Entaõ verás o dom soberbo, e rico
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coraçaõ sublime, o Régio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e graõ conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que creia delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E descobrindo os mares inimigos,
Do quieto descanso, pertendêram
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Crescendo co' os successos bõos primeiros
No peito as ousadias, descobríram
Pouco a pouco caminhos estrangeiros,
Que hũus succendendo aos outros proseguíram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas víram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estaõ os Tropicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que naõ faria
Por taõ incerto bem, taõ fraco premio:
Qual naõ sendo isto assi, esperar podia,
Taõ longo, taõ fingido, e vaõ proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alhêos feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha graõ verdade
Tées por qual he, syncera e naõ dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Naõ me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razaõ, que está provada,
Que com claro juizo pode ver-se:
Que facil he a verdade de entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na authoridade grão valia;
Começa de Julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co' o Capitam, e naõ co' o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
A's noas se vá, e seguro de algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda, em fim, lhe manda,
Que nos Reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitam para onde peça
Ao catual, que delle tinha cargo,
Embarcaçaõ, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcaçaõ que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos Régios Paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcaçaõ bastante em que partisse;
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tençaõ dos Mouros, torpe, e fera,
O que delle até alli naõ entendêra.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente;
O principal por quem se governavam
As Cidades do Samori potente:
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças naõ delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pòr nas naos; e naõ lhe val;
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Porque razaõ lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Naõ póde ser por outrem derogado.

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto,
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido estava vendo;
Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria so pertende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque naõ saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Naõ parte o Gama, em fim, que lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadiás todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados, e razóes do Capitaõ,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estaõ
Porque melhor dalli fosse, e tornasse.
Signal he de inimigo, e de ladraõ
Que lá taõ longe a frota se alargasse,
(Lhe diz) porque do certo, e fido amigo
He naõ temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flama,
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava.
Tudo temia; tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polído
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio Solar sendo ferido
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E sendo da ociosa maõ movido,
Pela casa, do moço curioso
Anda pelas paredes, e telhado,
Trêmulo aqui, e alli dessocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrára
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co' os batéis, como ordenára:
Logo secretamente lhe mandava,
Que tornasse á frota que deixára,
Naõ fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser quem quer co' o dom de Marte
Imitar os illutres, e igualá-los;
Voar co' o pensamento a toda a parte:
Adivinhar perigos, e evitá-los;
Com militar engenho, e subtil arte,
Entender os imigos, e enganá-los;
Crer tudo, em fim; que nunca louvarei
O Capitam que diga: Naõ cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em o ter preso,
Senaõ manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Todos seus Ameaços teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha naõ pequena.
Comette-lhe o Gentio outro partido
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para a terra,
Para que devagar se troque, e venda,
Que quem naõ quer commercio busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcaçoes idoneas com que venha;
Que os seus batéis naõ quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadías a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmáo que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro, e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigaçaõ, que mando, e rogo,
No peito vil, o premio póde, e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV.

Por ella o solta crendo que alli tinha
Penhor bastante donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha
Se o Capitam mais tempo detivesse.
Elle vendo que já lhe naõ convinha
Tornar á terra, porque naõ pudesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que naõ se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso,
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse, e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threicio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
Faz tredores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama algũus perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas naõ sem côr, com tudo, de virtude.

FIM DO CANTO OITAVO.

LUSIADA.

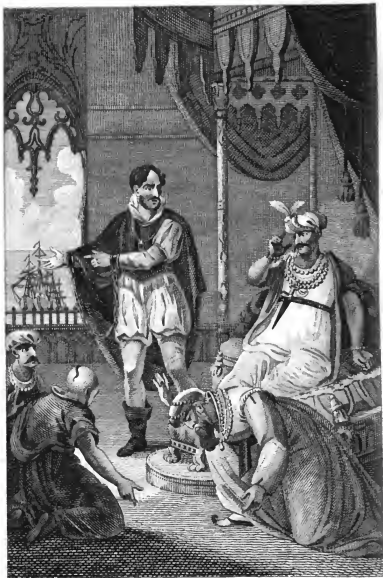
CANTO NONO.

ARGUMENTO

DO CANTO NONO.

Livre já das traições, e perigos que o ameaçavaõ, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o Reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental : encaminha-o Venus a huma Ilha diliciosa : descripçaõ da mesma Ilha : desembarque dos navegantes : festivas demostrações com que alli saõ recebidos, das Nereydas os soldados, e de Thetis o Gama.

OUTRO ARGUMENTO.

Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido Occeano,
Venus lhe mostra huma Insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria..

Faz logo presa em huns que ás naos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

Canto 9. Est. 9.

LUSIADA.

CANTO NONO.

I.

TIVERAM longamẽte na Cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
Que os infiéis por manha, e falsidade,
Fazem q̃ naõ lha comprem mercadores:
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egyptio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suéz se converteo,
Naõ longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstiçaõ falsa, e profana,
Da religiosa agua Mahometana.

III.

Gidá se chama o porto, aondc o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldaõ, que esse Reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infiéis, formosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Occeano,
Especiaria vem buscar cada ano.

IV.

Por estas naos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes, e possantes,
Aquellas, que o commercio lhes tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já naõ querem mais dos navegantes,
Senaõ que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos Ceos, e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeiçaõ em Monçaide; quc guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros naõ guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tençaõ lhe descobre torpe, e fera:
Muitas vezes as naos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno sem razao, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que da Arabica Meca vem cada ano,
Que agora saõ dos seus taõ desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo que para a partida o chama,
E que despacho já naõ esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama;
Aos feitores, que em terra estaõ, mandava
Que se tornem ás naos: e porque a fama
Desta subita vinda os naõ impida,
Lhes manda que a fizessem escondida.

IX.

Porém naõ tardou muito, que voando
Hum rumor naõ soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da Cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitam, com brevidade
Faz logo presa em hũus que ás naos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X.

Eram estes, antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estaõ no mar retidos.
Mas já nas naos os bõos trabalhadores,
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, hũus puxam pela amarra,
Outros quebram co' opeito duro a barra.

XI.

Outros pendem da verga, e já desatam
A véla, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles que vaõ presos, onde estava
O Samori, se queixam que perdidos
Hũus tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos:
Recebe o Capitam de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Algũus negros, se parte, as vélas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co' o Rei Gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pertende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achára.

XIV.

Leva algũus Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samori mandára,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprára:
A secca flor de Banda naõ ficou:
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova Ilha Maluco, co' a canella,
Com que Ceilaõ he rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que clemencia
Divina assi tirou de escura treva,
E taõ longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A méta Austrina da Esperança Boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez comettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, e ledos.

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegaçaõ, os varios Ceos, e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhára
Por taõ longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum, tem por gosto taõ perfeito,
Que o coraçaõ para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos anos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfaçaõ de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pertendia
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.

XIX.

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegáram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causáram:
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passáram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No Reino de crystal líquido, e manso.

XX.

Algum repouso, em fim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razaõ, que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao Ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma Insula divina,
Ornada de esmaltado, e verde arreio:
Que muitas tem no Reino que confina
Da mãi primeira co' o terreno seio;
Afóra as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões;
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações;
Com danças, e coréas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude, e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vaõ da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em de redor da deosa, já partida,
No ar lascivos beijos se vaõ dando:
Ella por onde passa, o ar, e o vento,
Sereno faz com brando movimento.

XXV.

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frécheiro estava entaõ
Ajuntando outros muitos, que pertende
Fazer huma famosa expediçaõ
Contra o Mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estaõ,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Naõ para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça taõ austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum féo animal fero,
Foge da gente, e bella fórma humana:
E por castigo quer, doce, e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se naõ seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do Mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina;
Vê nelles, que naõ tem amor a mais,
Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses que frequentam os Reais
Paços, por verdadeira, e sãa Doctrina
Vendem adulaçaõ, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam sómente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade.
Da fea tyrannía, e de aspereza,
Fazem direito, e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê, em fim, que ninguem ama o que deve,
Senaõ o que sómente mal deseja:
Naõ quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co' a mal regida gente,
Que lhe naõ for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estaõ em várias obras trabalhando,
Hũus amolando ferros passadores,
Outros hasteas de séttas delgaçando.
Trabalhando cantando estaõ de amores,
Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas frágoas immortaes, onde forjavam
Para as séttas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas saõ de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume,
Désejo he só que queima, e naõ consume.

XXXII.

Algũus exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam,
Dos que feridos vaõ da sétta aguda.
Formosas Nymphas saõ as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda,
Naõ sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda naõ nascidos.

XXXIII.

Formosas saõ algũas, e outras fêas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas vêas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Algũus ficam ligados em cadêas,
Por palavras subtís de sábias Magas:
Isto acontece ás vezes, quando as sétas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vaõ tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando.
E tambem nos Heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli, e Cyniréa;
Hum mancebo de Assyria, hum de Judéa.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes:
E por baixos, e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Hũus esperando andais nocturnas horas,
Outros subís telhados, e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino,
He mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frécheiro, que contra o Ceo se atreve,
A recebê-la vem lédo, e contente:
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella porque naõ gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tẽes em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me haõ de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhes dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias de odioso
Baccho, foram na India molestados,
E das injúrias sós do mar undoso,
Puderam ser mais mortos que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhes foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio, e doce gloria,
Do trabalho que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no Ponto fundo,
De amor dos Lusitanos incendidas
Que vem de descobrir o novo Mundo:
Todas n'huma Ilha juntas, e subidas;
Ilha, que nas entranhas do profundo
Occeano, terei apparelhada,
De dões de Flora, e Zephyro adornada.

XLI.

Alli com mil refrescos, e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em chrystallinos Paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil deleites naõ vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas;
De amór feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no Reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte, e bella,
E tome exemplo o Mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella:
Porque entendam que muro adamantino:
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz, e o filho inico,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as séttas de ponta de ouro embebe.
Com gesto lédo a Cypria, e impudíco,
Dentro no carro o filho seu recebe.
A rédea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa, e célebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe he contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantéa, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por donde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV.

Vaõ-na a buscar, e mandam-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os de outrem celebrára.
Já murmurando a fama penetrante,
Pelas fundas cavernas se espalhára:
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
No coraçaõ dos deoses, que indinados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mao zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as sétas,
Huma apoz outra; geme o mar co' os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vaõ, e algũas fazem giros.
Cahem as Nymphas; lançam das secretas
Entranhas, ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama:
Que tanto como a vista póde a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já naõ fica na aljava sétta algũa,
Nem nos equoreos campos Nympha viva;
E se feridas ainda estaõ vivendo,
Será para sentir que vaõ morrendo.

XLIX.

Dai lugar altas, e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vélas, e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina.
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello Coro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em corêas gentís, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava.
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes quando amava:
Ellas, que vaõ do doce amor vencidas,
Estaõ a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vaõ as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria,
Para a grande viagem prolongada.
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada;
Rompendo pelo Ceo a mãi formosa
De Memnonio, suave, e deleitosa.

LII.

De longe a Ilha vfram fresca, e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque naõ passassem sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegam a movia
A Acidalia; que tudo, em fim, podia.

LIII.

Mas firme a fez, e immobil, como vio
Que era dos Nautas vista, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona a Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva, e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytheréa.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa Ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Taõ bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estaõ ao Ceo subindo,
Com pomos odoriferos, e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co' os pesos amarellos:
Os formosos limões, alli cheirando,
Estaõ virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alamos saõ de Alcides, e os loureiros,
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytheréa, co' os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo Cypariso
Para onde he posto o ethereo Paraiso.

LVIII.

Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se daõ muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Còr, com que, tu rubí, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, co' hũus cachos roxos, e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella, e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lúcido, e sereno:
Florece o filho, e neto de Ciniras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar, difficil cousa fora,
No Ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha daõ a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da còr dos amadores;
O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

LXII.

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Taõ queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomella:
Da sombra de seus cornos naõ se espanta
Acteon na agua crystallina, e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazella:
Alli no bico traz ao charo ninho,
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naos os segundos Argonautas:
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas como incautas:
Algũas doces citharas tocavam,
Algũas arpas, e sonoras frautas:
Outras co' os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que naõ seguiam.

LXV.

Assi lho a conselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dõs Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na patria
Punham os pés, de terra cobiçosos;
Que naõ ha nenhum delles, que naõ saia
De acharem caça agreste desejosos;
Naõ cuidam que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Taõ suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Algũus, que em espingardas, e nas béstas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos, e florestas,
Determinadamente se lançavam.
Outros nas sombras, que das altas séstas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da Agua, que suave, e quéda,
Por alvas pedras corre a praia léda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a vista julga, e sente,
Que naõ eram das rosas, ou das flores;
Mas da lãa fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito.
Senhores; caça estranha (disse) he esta:
Se inda dura o Gentio, antigo rito,
A deosas he sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que saõ grandes as cousas, excellentes,
Que o mundo encobre aos homẽes imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas saõ, se verdadeiras.
Isto dito; veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Nymphas vaõ por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e d'outra as faldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio por a arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vaõ topar
Com as deosas despidas, que se lavam:
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal naõ esperavam.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vaõ negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
A' vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo na agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado, (que co' a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

LXXIV.

Qual cam de caçador, sagaz, e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo no rostro o ferreo cano erguido,
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal soffrido
Salta na agua, e da presa naõ duvída,
Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
Remette á que naõ era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, Cavalleiro, e namorado
A quem amor naõ dera hum só desgosto,
Mas sempre fora delle maltratado;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado;
Porém naõ que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura que corria
Apoz Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deo para dar-se a natureza.
Já cansado correndo, lhe dizia:
O' formosura indigna de aspereza;
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansam, Nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo:
Tu só de mim só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O' naõ a crêas, porque eu qando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Naõ canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque naõ possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella fará que naõ possa alcançar-te.
Espera : quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo,
Tra la spiga, e la man, qual muro è messo.

LXXIX.

O' naõ me fugas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura;
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exército se atreve,
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo?
O que tu só farás naõ me fugindo.

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coraçaõ que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Naõ te carrega essa alma taõ mesquinha.
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura, e menos pésa?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo;
Que ou tu naõ soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Se lhe mudará a triste, e dura estrella:
E se se lhe mudar, naõ vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás, se amor te fere,
E se me esperas, naõ ha mais que espere.

LXXXII.

Já naõ fugia a bella Nympha tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno, e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que affagos taõ suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhãa, e na sésta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimentá-lo que julga-lo,
Mas julgue-o quem naõ póde experimenta-lo.

LXXXIV.

Desta arte, em fim, conformes já as formosas
Nymphas, co' os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As mãos alvas lhes davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida, e morte, de honra, e alegria.

LXXXV.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
Todo o Coro das Nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitam illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta, e régia,
Mostrando-se senhora grande, e egrégia.

LXXXVI.

Que despois de lhe ter dito quem era,
Co' hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influiçaõ de immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar naõ navegado,
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua Naçaõ só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
Para o cume de hum monte alto, e divino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos Paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estaõ passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos taõ longos compensando.
Porque dos feitos grandcs, da ousadia
Forte e famosa, o Mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto, e subido.

LXXXIX.

Que as Nymphas do Occeano taõ formosas,
Tethys, e a Ilha angelica pintada,
Outra cousa naõ he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimida.
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma, e louro; a gloria, e maravilha,
Estes saõ os deleites desta Ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama;
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso:

XCI.

Naõ eram senaõ premios, que reparte
Por feitos immortaes, e soberanos,
O Mundo co' os Baroẽs, que esforço, e arte,
Divinos os fizeram sendo humanos.
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Enéas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Palas, et Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras taes,
Lhes deo no Mundo nomes taõ estranhos,
De deoses, semideoses immortaes,
Indigetes, heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimaes,
Se quizerdes no Mundo ser tamanhos.
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E pondo na cobiça hum freo duro,
E na ambiçaõ tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe, e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor naõ daõ á gente:
Melhor he merecê-los sem os ter,
Que possui-lo sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes naõ dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes, e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos:
Possuireis riquezas, merecidas
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co' os conselhos bem cuidados;
Agora co' as espadas, que immortais
Vos faraõ como os vossos já passados:
Impossibilidades naõ façais,
Que quem quiz sempre póde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta Ilha de Venus recibidos.

FIM DO CANTO NONO.

LUSIADA.

CANTO DECIMO.

ARGUMENTO

DO CANTO DECIMO.

Convite de Tethys aos navegantes: cançaõ prophetica da Sirena, em que toca as principaes façanhas, e conquistas dos Vice-Reis, dos Governadores, e Capitaẽs Portuguezes na India, até D. Joaõ de Castro: sóbe Tethys com o Gama a hum monte, desde o qual lhe mostra a Esphera celeste, e terrestre: descripçaõ do Orbe, especialmente da Asia, e Africa: sahem da Ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegaõ felizmente a Lisboa.

OUTRO ARGUMENTO.

A's mesas de vivificos manjares,
Com as Nymphas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accentos numerosos:
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodêam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo taõ querido.

Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto, e de desejo alli ficou.

Canto 10 . Est: 79 .

LUSIADA.

CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larisséa
Adultera, inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodêa
Temistitaõ, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol, Favonio enfrêa
Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lyrios, e jasmijs, que a calma aggrava.

II.

Quando as formosas Nymphas, co' os amantes,
Pela maõ já conformes, e contentes,
Subiam para os Paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares, excellentes,
Lhes tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous, e dous; amante, e dama:
N'outras, á cabeceira, de ouro finas,
Está co' a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves, e divinas,
A quem naõ chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estaõ naõ só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coraçaõ movem subita alegria,
Saltando co' a mistura da agua fria.

V.

Mil práticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtís, e argutos ditos,
Que entre hũ, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos naõ faltavam,
Quaes no profundo Reino os nús espritos
Fizeram descansar da eterna pena,
Com a voz de hũa angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella Musa, e co' os accentos,
Que pelos altos Paços vaõ soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo comformando.
Hum subito silencio enfrêa os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas; e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao Ceo
Altos Barões, que estaõ por vir ao Mundo,
Cujas Claras idéas vio Protheo
N'hum globo vão, diafano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no Reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a Nympha a clara historia.

VIII.

Materia he de Cothurno, e naõ de Soco,
Aque a Nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas naõ soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hũ, outro em Carthago.
Aqui minha Calliope te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do q̃ escrevo, e em vão pertendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vaõ os annos descendo, e já do Estio
Ha pouco que passar até o Outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já me naõ jacto, nem me abono:
Os desgostos me vaõ levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co' o que quero á Naçaõ minha.

X.

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abríra,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Occeano Indico suspira:
E que os Gentios Reis, que naõ dariam
A cerviz sua ao jugo; o ferro, e ira
Provariam do braço duro, e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI.

Cantava de hum, que tem nos Malabares
Do summo Sacerdocio a dignidade,
Que só por naõ quebrar co' os singulares
Barões os nós que dera de amizade;
Soffrerá suas Cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Ver destruir do Samori potente:
Que taes odios terá co' a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O pezo sentiráõ, quando entraria
O curvo lenho, e o férvido Occeano,
Quando mais na agua os troncos, q̃ gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do Gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado, e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalaõ, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar taõ pouca gente.

XIV.

Chamará o Samori mais gente nova;
Viraõ Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estaraõ promettendo a seu senhor.
Fará que todo o Naire, em fim, se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
De ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra, e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidaõ, que irá matando,
À todo o Malabar terá admirado.
Cometterá outra vez, naõ dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus; fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI.

Já naõ defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de ira o Cam, naõ vendo lassos
Aquelles que as Cidades fazem rasas;
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Comettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo; mas voando
De hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samori, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já naõ verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos,
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,
A pelejar co' o invicto, e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava,
Mas com tudo este só o fará confuso.
Trará para a batalha horrenda, e brava,
Máchinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que até alli vão lhe fora comettê-las.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo
Para abrazar lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro Baraõ no Marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães naõ imbelles profligados;
Ou pareceráõ fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros invocados
Desceráõ ajudá-lo, e lhe daraõ
Esforço, força, ardil, e coraçaõ.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario estrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende:
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte, e sabio.

XXII.

Mas neste passo a Nympha o som canoro
Abaixando, fez roneo, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
O' Belizario (disse) que no Coro
Das musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tẽes com quem podes consolar-te.

XXIII.

Aqui tẽes companheiro, assi nos feitos,
Como no galardaõ injusto, e duro:
Em ti e nelle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á Lei servem de muro.
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os Rèis, quando embebidos
N'huma apparencia branda que os contenta,
Daõ os premios de Aiace merecidos,
À lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bẽes mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se naõ os daõ a sabios Cavalleiros,
Daõ-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou taõ mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Senaõ es para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum Reino rico.
Em quanto for o Mundo rodeado
Dos Apollíneos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre, e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos daraõ com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal, e humano,
Deitado fóra o perfido Tyrano.

XXVII.

Tambem faraõ Mombaça, que se arrêa
De casas sumptuosas, e edificios,
Co' o ferro e fogo seu, queimada, e fêa,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chêa
De lenhos inimigos, e artificios,
Contra os Lusos, com vélas, e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samori potente,
Que encheráõ todo o mar, co' a ferrea pella,
Que sahe como trovaõ do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, e vella.
Despois lançando arpéos ousadamente
Na Capitaina imiga; dentro nella
Saltando, a fará só com lança, e espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
O mar todo com fogo, e ferro ferve,
Lhe faraõ que com vida senaõ saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos que faltáram, e os perigos
Do mar, que sobejáram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva veraõ, que espedaçado
Naõ sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com huma coxa fora, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coraçaõ que lhe ficára:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co' a alma o corpo se liára:
Ella solta voou da prisaõ fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena;
Que ao corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena.
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura, e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos cruéis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coraçaõ, agua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: senti-lo-ha o Nilo,
Podê-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para crua peleja, os cornos tenta
No tronco de hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada áffia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos, e batalhas,
Fará espalhar a fraca, e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas.
A de Melique Yaz, acautelada
Co' os pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio, e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo iraõ representando
No cego ardor os bravos domadores.
Quanto alli sentiráõ olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah, que desta próspera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, e negro vejo!
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Co' os ossos guardará, naõ terá pejo
De tirar deste Mundo aquelle esprito,
Que naõ tiráram toda a India, e Egito.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagées poderáõ
O que destros imigos naõ puderam;
E rudos paos tostados sós faraõ
O que arcos, e pelouros naõ fizeram.
Occultos os juizos de Deos saõ
Às gentes vãas, que naõ os entendêram:
Chamam-lhe fado mao, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das Cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As Ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De Saõ Lourenço, e em todo o Sul se affamam!

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com q̃ o Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando.
Alli veraõ as séttas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes naõ defendem
De corrupçaõ os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calaiate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçaõ de dar o Reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe corôa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a Ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasiaõ espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Venceráõ a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada, o espesso, e horrendo
Esquadraõ de Gentios, e de Mouros.
Iraõ soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros,
Na luz que sempre celebrada, e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada,
Lá no gremio da Aurora onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As séttas venenosas que fizeste,
Os Crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena,
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas lembrou-lhe hũa ira que o condena,
Postoque a fama sua o Mundo cerque.
O grande Capitam, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazaõ, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade, e amor desculpa.

XLVII.

Naõ será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura;
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas co' hũa escrava vil, lasciva, escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado á crueza féra, e dura,
Co' os seus hũa ira insana, naõ refrêa,
Põe na fama alva, noda negra, e fêa.

XLVIII.

Vio Alexandre à Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha a'egremente,
Naõ sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se em hum cerco duro, e urgente.
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomára em guarda, e promettia
Que nenhum mao dejeso o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que, em fim, naõ tem defensa,
Levemente o perdôa, e foi servido
Delle em hum caso grande em recompensa.
Por força, de Judita foi marido
O ferreo Balduino; mas dispensa
Carlos pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes:

L.

Mas proseguindo a Nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co' as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

LI.

A nobre Ilha tambem da Taprobana,
Já pelo nome antiguo taõ famosa,
Quanto agora soberba, e soberana,
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios taõ temida.

LII.

Tambem Siqueira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho,
Para ti grande Imperio, que tê arrêas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua chêas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho.
E fará descobrir remotas Ilhas,
Que daõ ao Mundo novas maravilhas.

LIII.

Virà despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigarà de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co' os titulos de Conde, e honras nobres,
Virás mandar a terra que descobres.

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De que ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co' a Régia dignidade,
Te tirará do Mundo, e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos anos,
Governará: e fará o ditoso Henrique,
Que perpétua memoria delle fique.

LV.

Naõ vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Comettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo singulares,
Vence os imigos da alma todos sete:
De cobiça triumpha, e incontinencia;
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ō forte Mascarenhas;
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No Reino de Bintaõ, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injúrias de mil anos
Vingarás co' o valor de illustres peitos.
Trabalhos, e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, sétas,
Tudo fico que rompas, e submetas.

LVIII.

Mas na India cobiça, e ambiçaõ,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deos, e justiça, te faraõ,
Vituperio nenhum, mas so desgosto.
Quem faz injúria vil, e sem razaõ,
Com forças, e poder em que esta posto,
Naõ vence; que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua, e inteira.

LIX.

Mas com tudo, naõ nego que Sampaio
Será no esforço illustre, e assignalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado,
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quantá armada tenha.

LX.

E naõ menos de Dio a féra frota,
Que Chaul temerá de grande e ousada,
Fará, co' a vista só, perdida, e rota,
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chalé as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Naõ sem sangue, porém, que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta;
Dio, que o peito, e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hũ teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do Imperio; cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarelo.

LXIII.

Das mãos do teu Estevão vem tomar
As rédeas hum, que jà será illustrado
No Brasil, com vencer, e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois Capitam mór do Indico mar,
O muro de Damaõ suberbo, e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo, e fréchas mil teraõ cuberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que naõ passe o Rei Gentio
De Calecut, que a si com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruirá a Cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida,
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida.
A frota principal do Samorim,
Que destruir o Mundo naõ duvída,
Vencerá co' o furor do ferro, e fogo:
Em si verá Beadala o Marcio jogo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governá-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum fala.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que víra já Beadala:
De sangue, e corpos mortos ficou chêa,
E de fogo, e trovões desfeita, e fêa.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co' as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estendarte
Portuguez terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas ferozes, Abassis, e Rumes,
Que trazido de Roma, o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil naçoẽs ao cerco féras vem;
Faraõ dos Ceos ao Mundo vãos queixumes,
Porque hũus poucos a terra lhe detém:
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co' os Barões,
Que taõ ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo subido.
Alvaro quando o Inverno o Mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI.

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana;
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana.
Hũus paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem na féra esquadra insana.
Feitos faraõ taõ dignos de memoria,
Que naõ caibam em verso, ou larga historia.

LXXII.

Este despois em campo se a presenta
Vencedor forte, e intrépido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da féra multidaõ quadrupedante.
Naõ menos suas terras mal sustenta
O Hydalcaõ do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá no sertaõ posta.

LXXIII.

Estes, e outros Barões, por várias partes,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Viraõ lograr os gostos desta Ilha;
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharáõ estas Nymphas, e estas mesas,
Que glorias, e honras saõ de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a Nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
Por mais que da fortuna andem as rodas,
(N'huma cónsona voz todas soavam)
Naõ vos haõ de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa.

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia, e doce suavidade,
Víram os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada, e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre, e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

Faz-te mercê, Baraõ, a Sapiencia
Suprema, de co' os olhos corporais
Veres o que naõ póde a vãa sciencia
Dos errados, e miseros mortais,
Sigue-me firme, e forte, com prudencia
Por este monte espesso, tu co' os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Naõ andam muito, que no erguido cume
Se achàram, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubijs, taes que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja naõ se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina Verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, ora se erga,
Nunca se ergue, ou se abaixa; e hù mesmo rosto
Por toda parte tem, e em toda parte
Começa, e acaba, em fim, por divina arte.

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual, em fim, o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto, e desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande máchina do Mundo,
Ethéreà, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo
Que he sem principio, e méta limitada.
Quem cérca em de redor este rotundo
Globo, e sua superficie taõ limada,
He Deos, mas o q̃ he Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano naõ se estende.

LXXXI.

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz taõ clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem;
Empyreo se nomêa, onde logrando
Puras almas estaõ de aquelle bem,
Tamanho, que elle só se entende, e alcança,
De quem naõ ha no Mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estaõ: porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, somos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano.
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

E tambem porque a santa Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o Mundo todo, que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que saõ bõos, guiando favorecem,
Os maos, em quanto pódem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura que varía,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhes nomes que a antigua Poesia
A seus deoses já dera fabulando:
Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim, que o summo Deos, q̃ por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda;
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão divina veneranda;
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que naõ anda,
Outro corre taõ leve, e taõ ligeiro,
Que naõ se enxerga: he o Mobile primeiro.

LXXXVI.

Com este rapto, e grande movimento,
Vaõ todos os que dentro tem no seio:
Por obra deste, o Sol andando attento,
O dia, e noute faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Taõ lento, e sobjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co' o largo cinto de ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vaõ fazendo:
Olha a Carretta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu Pai, e o Drago horrendo.
Vê de Cassiopéa a formosura,
E de Orionte o gesto turbulento:
Olha o Cysne morrendo, que suspira;
A Lebre, os Cães, a Nao, e a doce Lira.

LXXXIX.

Debaixo deste grande Firmamento
Vês o Ceo de Saturno, deos antigo,
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo:
O Claro olho do Ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás; n'hũus grave, e n'outros leve:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estaõ caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e ao ar, o vento, e neve;
Os quaes verás que jazem mais adentro,
E tem co' o mar a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro pousada dos humanos,
Que naõ sómente, ousados, se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil experimentam;
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Várias nações, que mandam varios Reis;
Varios costumes seus, e várias leis.

XCII.

Vês Europa Christãa, mais alta, e clara,
Que as outras em policia, e fortaleza:
Vês Africa, dos bẽes do Mundo avara,
Inculta e toda chêa de bruteza;
Co' o Cabo, que atéqui se vos negára,
Que assentou para o Austro a natureza;
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande Imperio,
De selvatica gente, negra, e nua;
Onde Gonçalo morte, e vituperio,
Padecerá pela Fé sancta sua.
Nasce por este incognito Hemispherio
O metal porque mais a gente sua:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV.

Olha as casas dos negros, como estaõ
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensaõ,
E na fidelidade dos visinhos.
Olha delles a bruta multidaõ,
Qual bando espesso, e negro de estorninhos;
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defendera Nhaia com destreza.

XCV.

Olha lá as alagõas, onde o Nilo
Nasce, que naõ souberam os antigos.
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos.
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos.
Vê Méroe, que Ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

Nesta remota terra hum filho teu,
Nas armas contra os Turcos será claro:
Ha de ser Don Christovaõ o nome seu,
Mas contra o fim fatal naõ ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso, e charo:
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

XCVII.

O Cabo vê, já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este, como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa, e as melhores
Povoações, que parte Africa tem:
Maçuá saõ, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos Heroas a Cidade;
Outros dizem, que Arsinóe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o graõ Moysés na antigua idade.
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em Reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co' o sepulcro de Santa Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina.
Olha as portas do Estreito, que fenece
No Reino da secca Adem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos Ceos se naõ deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga, e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e ferozes, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro Estreiro de Persia, e faz a traça
O Cabo, que co' o nome se appellida
Da Cidade Fartaque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta já cá de est'outra banda
De Rozalgate, e praias sempre avaras:
Começa o Reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda seraõ claras
Quando as galés do Turco, e féra armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandaõ dos navegantes:
Por aqui entra o lágo, que he fechado
De Arabia, e Persia, terras abundantes.
Attenta a Ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
A' côr da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris, e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o Imperio nobre,
Sempre Posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuría de usar fundido cobre,
E de naõ ter das armas sempre os callos.
Mas vê a Ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da Cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara:
Viráõ provar os golpes, e revezes,
De Dom pedro de Souza, que provára
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV.

Mas deixemos o Estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natureza, e dões, usados della:
Carmania teve já por appellido;
Mas vês o famoso Indo, que de aquella
Altura nasce, junto á qual tambem
De outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a íntima enseada;
Do mar a enchente subita, grandissima,
E a vasante que foge apresurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz a entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estaõ guardando.

CVII.

Vès corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilaõ) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e Cidades,
Nas quaes haó de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre hũ, e outro rio
Vês com varias nações, saõ infinitas:
Hum Reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias santas, e bemditas,
Do corpo de Thomé, Baraõ sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a Cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica:
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé que no Mundo se publíca,
Thomé vinha prégando, e já passára
Provincias mil do Mundo, que ensinára.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar, vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e naõ duvída
Poder tirá-lo á terra com possantes
Forças d'homẽes, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era taõ grande o pezo do madeiro,
Que só para abalar-se, nada basta :
Mas o Nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta.
Ata o cordaõ, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta,
Para onde faça hum sumptuoso Templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á vos sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brachmanes o tem por cousa nova :
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Haõ medo de perder a authoridade.

CXIII.

Saõ estes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a inveja :
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé naõ se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o Mundo veja;
Que inimiga naõ ha taõ dura, e fera,
Como a virtude falsa da syncera.

CXIV.

Hum filho proprio mata: logo accusa
De homicidio a Thomé, que era innocente:
Dá falsas testimunhas, como se usa,
Condemnáram-no á morte brevemente.
O Sancto, que naõ vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos Senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado,
Quem foi seu matador, e serà crido
Por testimunho o seu mais approvado.
Víram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser o homicida.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos apoz elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brachmanes se enchéram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

CXVII.

Hũ dia que pregando ao povo estava,
Fingíram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao Ceo subido.
A multidaõ das pedras, que voava,
No Santo dá, já a tudo offerecido:
Hũ dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choraram-te Thomé o Gange, e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se hiam na sancta Fé que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sante Fé?
Olhai, que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgaráõ em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta Cidade taõ famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada.
Corre Narsinga rica, e poderosa;
Corre Orixá de roupas abastada;
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua santa os lava, e dá pureza.
Vê Cathigaõ, Cidade das melhores
De Bengala, Provincia que se préza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro de aqui virada a costa.

CXXII.

Olha o Reino Arracaõ, olha o assento
De Pegú, que jà monstros povoáram;
Monstros filhos do fêo ajuntamento
De hũa mulher, e hũ cam, que sós se acháram.
Aqui soante arame no instrumento
Da géraçaõ costumam: o que usáram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai Cidade, onde começa
De Siaõ largo o Imperio taõ comprido;
Tenassari, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por Emporio ennobrecido
Onde toda a Provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, co' as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre Ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Vêas de ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntáram;
Outros que fosse Ophir imagináram.

CXXV.

Mas na ponta da terrra Cingapura
Verás onde o caminho ás naos se estreita:
De aqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, Reinos, e a longura
De Siaõ, que estes, e outros mais sujeita;
Olha o rio Menaõ, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra, e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras taõ compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvagẽes vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que Capitam das aguas se interpreta;
Tantas recebe de outro só no Estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta.
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem despois da morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapados;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Serà mais affamada que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso ornada:
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainaõ vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo Imperio, que se afama
Com terras, e riqueza naõ cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desde o Tropico ardente ao cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum Imperio, e outro se edifica,
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica.
Estes, o Rei que tem, naõ foi nascido
Principe; nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por Cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas naõ deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem-buscar-se,
He Japaõ, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co' a Lei Divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas:
Vê Tidore, e Ternate, co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Com sangue Portuguez inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que naõ decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Bandá as Ilhas, que se esmaltam
Da vária côr que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambem Borneo, onde naõ faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que Camphora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso.
Olha a Sunda taõ larga, que hũa banda
Esconde para o Sul difficultoso.
A gente do sertaõ, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cae.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flammas trémulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cyniras, na Arabia onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilaõ, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvēes passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Por a pedra em que está a pégada humana.
Nas Ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do roxo Estreito
Socotorá co' o amaro Aloe famosa;
Outras Ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Aonde sahe do cheiro mais perfeito
A massa ao Mundo occulta, e preciosa:
De Saõ Lourenço vê a Ilha affamada,
Que Madagascar he de algũus chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao Mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com taõ forte peito navegais.
Mas he tambem razaõ, que no Ponente
De hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra que contina
Vai de Callixto ao seu contrário Polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apolo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo:
Várias Provincias tem de várias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co' o pao vermelho nota:
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém naõ na lealdade.

CXLIV.

Assi-foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nascêram, sempre desejado.
Entráram pela foz do Tejo ameno;
E á sua patria, e Rei temido, e amado,
O premio, e gloria daõ, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Naõ mais, Musa, naõ mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E naõ do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Naõ o dá a patria, naõ, que está metida
No gosto da cobiça, e na rudeza
De hũa austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI.

E naõ sei porque influxo de destino
Naõ tem hum lédo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos lédo o rosto.
Por isso vós, o Rei, que por divino
Conselho estais no régio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vasallos excellentes.

CXLVII.

Olhai que lédos vaõ, por várias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e a vigias,
A ferro, a fogo, a séttas, et pelouros:
A quentes Regiões, a plagas frias;
A golpes de Idolátras, e de Mouros;
A perigos incognitos do Mundo;
A naufragios, a peixes, ao profondo:

CXLVIII.

Por servir-vos a tudo apparelhados,
De vós taõ longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos, e contentes.
Só com saber que saõ de vós olhados,
Demonios, infernaes, negros, e ardentes,
Cometteráõ comvosco, e naõ duvido
Que vencedor vos façam, naõ vencido.

CXLIX.

Fovorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e léda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade;
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento:
Com jejũus, disciplinas, pelos vicios
Commũus, toda ambiçaõ teraõ por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vãa naõ pertende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido, e fervente,
Estendem naõ sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso Imperio preeminente:
Pois aquelles que a taõ remoto clima
Vos vaõ servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; hũus os vivos,
E (o que he mais) os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemaẽs, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que saõ para mandados,
Mais que para mandar os Portuguezes.
Tomai Conselhos só de exprimentados,
Que víram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormiaõ Philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina militar prestante;
Naõ se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senaõ vendo, tratando, e pelejando.

CLIV.

Mas eu que fallo humilde, baixo, e rudo,
De vós naõ conhecido, nem sonhado,
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado;
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada:
Se isto o Ceo me concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presága mente vaticina,
Olhando a vossa inclinaçaõ divina:

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada e léda Musa,
Fico que em todo o Mundo de vós cante,
De sórte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM DO CANTO DECIMO E DA LUSIADA.

ESTANCIAS

DESPREZADAS, E OMITTIDAS

POR LUIS DE CAMÕES,

NA PRIMEIRA IMPRESSAÕ DO SEU POEMA.

As Estancias que se seguem foram achadas por Manoel de Faria e Sousa em dous differentes Manuscriptos, que felizmente descobrio do mesmo Poeta. No Discurso Preliminar, que vai ao princípio, antes do Poema, fazemos mais particular e extensa mençaõ destes dous Manuscriptos, e ahi poderá o Leitor inteirar-se cabalmente do seu indubitavel merecimento. Por ora só accrescentamos, que o mesmo Faria e Sousa, nos seus Commentarios que publicou em Madrid; por Juan Sanches, anno de 1639, nos deixou impressas as referidas Estancias naquelles lugares do Commento onde respectivamente pertenciam; e que nós agora,

extrahindo-as com toda a fidelidade, e accusando os lugares onde entravam, as lançamos no fim; tanto por naõ perturbarmos ou alterarmos consideravelmente a ordem e fórma que o Poeta deo ao seu Poema, como para que os mesmos Leitores, que naõ quizerem lê las, possam omittir a sua liçaõ. Em ultimo lugar advertimos, que o primeiro dos dous Manuscriptos, sendo (segundo o mesmo Faria) digno de toda a estimaçaõ, comprehendia os primeiros seis Cantos do Poema; e que o segundo, que fora de Manoel Correa Montenegro, contemporaneo do mesmo Poeta, continha o Poema inteiro.

No Canto I., depois da Estancia LXXVII., havia mais duas, e a mesma LXXVII., com a mudança que aqui se verá.

Isto dizendo, irado, e quasi insano,
Sobre a Thebana parte descendeo,
Onde vestindo a fórma, e gesto humano,
Para onde o Sol nasce se moveo.
Já atravessa o mar Mediterrano,
Já de Cleopatra o Reino discorreo;
Já deixa á maõ direita os Garamantes,
E os desertos de Libya circumstantes.

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente
Que o septemfluo Rio vai regando,
Onde reina o mui santo Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando:
Já passa a terra de aguas carecente,
Que estaõ as alagôas sustentando;
Donde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

Daqui ao Cabo Prasso vai direito,
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na fórma Mouro contrafeito,
A hum dos mais honrados semelhante.
E como a seu Regente fosse acceito,
Entrando hum pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava,
Apartando-o dos outros com que estava.

No mesmo Canto I., depois da Estancia LXXX., havia de mais a que se segue:

E para que dês credito ao que fallo,
Que este Capitam falso está ordenando,
Sabe que quando foste a visitallo
Ouvi dous neste caso estar fallando:
No que digo naõ faças intervallo,
Que eu te digo, sem falta, como, quando
Os podes destruir; que he bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.

No Canto III., depois da Estancia x., havia de mais no Manuscripto a seguinte:

Entre este mar, e as aguas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino,
Os Sarmatas estaõ, que se mantem
Bebendo o roxo sangue, e leite equino.
Aqui vivem os Missios, que tambem
Tem parte de Asia; povo baixo, e indino,
E os Abios que mulheres naõ recebem,
E muitos mais, que o Borysthenes bebem.

No mesmo Canto III., em lugar da Estancia xxix., havia esta:

Mas a iniqua mãi seguindo em tudo
Do peito feminil a condiçaõ,
Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma hum seu irmaõ.
Vede hum peccado grave, bruto, e rudo,
De outro nascido! Oh grande admiraçaõ!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada, e por mulher.

No Canto IV. á Estancia II. se seguiam estas tres:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo:

Foram-no os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antiguo Povo rudo.
Mercurio e o douto Apollo saõ famosos
Por sciencia diversa, e longo estudo:
Outros saõ por armas soberanos;
Hercules, e Lyeo, ambos Thebanos.

Bastardos saõ tambem Homero, e Orphéo,
Dous a quem tanto os versos illustráram;
E os dous de quem o Imperio procedeo,
Que Troia, e Roma em Italia edificáram.
Pois se he certo o que a fama já escreveo,
Se muitos a Philippo nomeáram
Por pai do Macedonico mancebo,
Outros lhe daõ o magno Nectanebo.

Assi o filho de Pedro Justiçoso,
Sendo Governador alevantado
Do Reino, foi nas armas taõ ditoso,
Que bem póde igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o Reino receoso
De ser do Castelhano sobjugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança,
Aos outros a falsifica esperança.

No mesmo Canto IV., depois da Estancia XI., havia a seguinte:

Nem no Reino ficou de Tarragona
Quem naõ siga de Marte o duro officio:

Nem na Cidade nobre, que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelóna
Mandou soldados destros no exercicio:
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno Reino Lusitano.

Ahi mesmo, depois da Estancia XIII. se lia est'outra:

Oh inimigos maos da natureza
Que injuriais a propria geraçaõ!
Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber, e de razaõ,
Vos fez que a clara estirpe que se préza
De leal, fido, e limpo coraçaõ,
Offendais dessa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes he o menor defeito.

No mesmo Canto IV., em lugar da Estancia XXI. apparecia no Manuscripto a seguinte:

Qual o mancebo claro, no Romano
Senado, os grandes medos aquebranta
Do grão Carthaginez, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso naõ cuidou.

Pouco mais abaixo, depois da Estancia XXVII. apparecia esta:

Já a fresca filha de Titam trazia
O sempre memorado dia, quando
As vesperas se cantam de Maria,
Que este mez honra, o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado: logo, em branqueando
A alva no Ceo, os Reis se aparelhavam,
E as gentes com palavras animavam.

No mesmo Canto IV., depois da Estancia XXXV. appareciam as tres que se seguem, em que o Poeta fazia memoria de alguns Portuguezes que morrêram na tal batalha.

Passáram a Giraldo co' as entranhas
O grosso, e forte escudo, que tomára
A Perez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.
Morrem Pedro, e Duarte, (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas, e nas mortes.

Morrem Lopo, e Vicente de Lisboa,
Que estávam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se affamarem.

Por cima do cavallo Afonso voa:
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matára)
O vaõ privar assi da vida chara.

De tres lanças passado Hilario cai;
Mas primeiro vingado a sua tinha;
Naõ lhe peza porque a alma assi lhe sai,
Mas porque a linda Antonia nelle vinha:
O fugitivo esprito se lhe vai,
E neste o pensamento que o sostinha;
E sahindo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na boca fria.

Neste mesmo Canto IV., em lugar da Estancia XXXIX., havia no Manuscripto a que aqui se segue:

Favorecem os seus com grandes gritos
O successo do tiro; e elle logo
Toma outra: (que jaziam infinitos
Dos que as vidas perdêram neste jogo)
Corre enrestando-a forte; e d'arte incita
A' brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vaõ ferindo os cavallos de esporadas,
E os duros inimigos de lançadas.

Depois desta, e depois da Estancia XL. deste Canto IV., havia no mesmo Original as oito

que se seguem aqui, nas quaes o Poeta fazia mençaõ da morte de alguns Castelhanos.

Velasques morre, e Sanches de Toledo,
Hum grande caçador, outro Letrado:
Tambem perece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado:
Montanchez, Oropesa, Mondonhedo:
(Qualquer destro nas armas, e esforçado)
Todos por mãos de Antonio, moço forte,
Destro mais que elles, pois os trouxe á morte.

Guevara roncador, que o rosto untava,
Mãos, e barba, do sangue que corria;
Por dizer que dos muitos que matava
Saltava nelle o sangue, e o tingia:
Quando destes abusos se jactava,
De travês lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que alli lhe foi partida
Do corpo a vãa cabeça, e a torpe vida.

Pelo ar a cabeça lhe voou,
Inda contando a historia de seus feitos:
Pedro, do negro sangue que esguichou,
Foi todo salpicado, rosto, e peitos;
Justa vingança do que em vida usou.
Logo com elle ao occaso vaõ direitos
Carrilho, Joaõ da Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vaõ de medo.

Salazar, grão taful, e o mais antigo
Rufiaõ que Sevilha entaõ sostinha;
A quem a falsa amiga, que comsigo
Trouxe, de noite só fugido tinha.
Fugio-lhe a amiga, em fim, para outro amigo,
Porque vio que o dinheiro com que vinha,
Perdeo todo de hum resto: e naõ perdera,
Se huma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
E o Mundo todo, a terra, e o Ceo vagante,
Blasfemando ameaça, e determina
De vingar-se em qualquer que achar diante.
Encontra com Gaspar, (que Catharina
Ama em extremo) e leva do montante,
Que no ar fere fogo; e certo cria,
Que hum monte da pancada fenderia.

Bem cuida de cortá-lo em dous pedaços;
Porém Gaspar vendo o montante erguido,
Cerra com elle, e leva-o nos braços:
Comettimento destro, e atrevido.
Bracêa o Castelhano, e de ameaços
Se serve ainda; e estando já vencido,
O Portuguez forçoso, em breve mora,
Lhe leva a arma das mãos, e salta fóra.

E porque elle naõ lhe use a propria manha
Que este lhe usára já, de ponta o fere:

Nos peitos o montante, em fim, lhe banha,
Porque de outra vingança desespére.
Fugio-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartarea inda blasphema; alli refere
Que mais naõ açoutar a amiga ingrata,
Que os açoutes de Alecto o pena, e mata.

E do metal de espadas aos damnados
Diz males, è blasphemias sem medida:
Que já por naõ lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutaõ de seus peccados,
Que se lhe mostre a amiga já fugida,
Em brincos de outro, e beijos enlevada:
Remette elle para elles, e acha nada.

Neste mesmo Canto IV., depois da Estancia XLIV. havia no Original as duas seguintes:

Oh pensamento vaõ do peito humano!
Agora neste cego error cahiste?
Agora este formoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?
Agora que com sangue, e proprio dano,
A dura experiencia acerba, e triste,
To tem mostrado. E agora que o provaste,
Os conselhos darás, que naõ tomaste.

Dos corpos dos imigos Cavalleiros,
Do mato os animaes se apascentáram:

As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua destillàram.
Os pastores do campo, e os monteiros
Da visinha montanha, naõ gostáram
As aves de rapina em mais de hum anno,
Por terem o sabor do corpo humano.

Os ultimos quatro versos da Estancia XLIX. do mesmo Canto IV. estavaõ muito differentes no Manuscripto; e depois destes havia mais duas Estancias: tudo como se segue.

Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Neptuno entaõ Protheo Propheta:
Temo que desta gente, gente venha,
Que de teus Reinos o grão sceptro tenha.

Já toma a forte portà inexpugnavel,
Que o Conde desleal primeiro abrio,
Por se vingar do amor inevitavel
Que a fortuna em Rodrigo permittio.
Mas naõ foi esta a causa detestavel
Que a populosa Hespanha destruio:
Juizo de Deos foi por Causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, ó nobre Hespanha, estás segura
(Se segurar te podem Cavalleiros)
De outra perda como esta, iniqua, e dura,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.

Assi se deo á próspera ventura
Do Rei Joanne a terra, que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestára;
E vencida ficou mais nobre, e clara.

Na Estancia LXI. deste mesmo Canto IV., eram os ultimos cinco versos no Manuscpripto como aqui vaõ.

Da próspera Cidade de Veneza:
Veneza, a qual os Povos que escapáram
Do Gotthico furor, e da crueza
De Attila edificáram pobremente,
E foi rica despois, e preeminente.

Depois da Estancia LXVI. do mesmo Canto IV. havia no Original a seguinte:

Naõ foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno, e governança,
Este, de cujo illustre e forte peito
Depende huma grandissima esperança:
Pois naõ havendo herdeiro mais direito
No Reino, e mais por esta confiança,
Joanne o escolheo, que só o herdasse,
Naõ tendo filho herdeiro que reinasse.

Quasi ao fim do mesmo Canto IV., depois da Estancia LXXXVI. havia no Manuscripto as duas seguintes:

Alli lhe promettemos, se em socego
Nos leva ás partes, onde Phebo nasce,
De, ou espalhar sua Fé no Mundo cego,
Ou o sangue do Povo pertinace.
Fizemos para as almas santo emprego
De fiel confissaõ, pura, e verace
Em que, postoque Hereges a reprovam,
As almas, como a Phenix, se renovam.

Tomámos o divino mantimento,
Com cuja graça santa tantos dias,
Sem outro algum terrestre provimento,
Se sustentáram já Moysés, e Helias.
Pam, de quem nenhum grande pensamento,
Nem subtis e profundas phantasias
Alcançam o segredo, e virtude alta,
Se do juizo a Fé naõ suppre a falta.

No Canto VI., depois da Estancia VII., se achava no mesmo Original mais huma, que Manoel de Faria e Sousa reputou admiravel; e por isso se admira muito de que o Poeta a omittisse. He, pois; como se segue:

Lá na sublime Italia hum celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o Capitam Troiano ousado
A's negras sombras foi do escuro inferno.
Por alli ha tambem hum desusado
Caminho, que vai ter ao centro interno

Do mar, aonde o deos Neptuno mora:
Por alli foi descendo Baccho agora.

Depois da Estancia XXIV. do mesmo Canto VI. havia a que se segue:

A dor do desamor nunca respeita,
Se tem culpa, ou senaõ tem culpa a parte;
Porque se a cousa amada vos engeita,
Vingança busca so de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o segue?

Ahi mesmo, depois da Estancia XL., havia as cinco seguintes, em que Leonardo proseguia a sua narraçaõ.

De que serve contar grandes historias
De Capitães, de guerras affamadas,
Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheas sobjugadas?
Outros faraõ grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas:
Eu as farei, se for no Mundo ouvido;
De como só de hũus olhos fui vencido.

Naõ foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia, vigiando;

Que com quanto era duro, e bellicoso,
Amor o tinha feito manso, e brando.
Taõ concertado vive este enganoso
Moço co' a natureza, que tratando
Os corações taõ doce, e brandamente,
Naõ deixa de ser forte quem o sente.

Contai (disse) Senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas.
Concederam os mais vigiadores,
Que alli fossem de todos referidas
As historias que já de amor passáram;
E assi sua vigia começáram.

Disse entaõ Leonardo: Naõ espere
Ninguem que conte fábulas antigas:
Que quem alheas lagrimas refere,
Das proprias vive isento, e sem fadigas.
Porque despois que amor co' os olhos fere,
Nunca por taõ suaves inimigas,
Como a mi só no Mundo tem ferido
Pyramo, nem o nadador de Abido.

Fortuna que no Mundo póde tanto,
Me deitou longe já da patria minha,
Onde taõ longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder hum bem que tinha.

Livre vivia entaõ, mas naõ me espanto,
Senaõ que sendo livre, naõ sostinha
Deixar de ser captivo, que o cuidado,
Sem porque, tive sempre namorado.

Depois destas cinco, e da Estancia LXXX., seguia-se a LXXXI. com esta differença:

Divina Guarda, Angelica, Celeste,
Que o Astrifero Polo senhoreas;
Tu que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Se por mores perigos me trouxeste,
Que ao Itacense Ulysses, ou a Eneas,
Passando os largos terminos de Apolo,
Pelas furias de Tethys, e de Eolo.

Ao fim deste mesmo Canto VI., depois da Estancia XCIV., continuavam no primeiro Manuscripto as seguintes sete:

Olhai como despois de hum grande medo,
Taõ desejado bem logo se alcança;
Assi tambem detraz de estado lédo
Tristeza está, certissima mudança.
Quem quizesse alcançar este segredo
De naõ se ver nas cousas segurança,
Creio, se escudrinhá-lo bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoudecesse.

Naõ respondo a quem disse, que a fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou deos ao Mundo por coluna
Deosa, que ora se abaixe, ora levante.
Opiniaõ das gentes importuna
He ter, que o homem aos Anjos semelhante,
Por quem já Deos fez tanto, se puzesse
Nas mãos do leve caso que o regesse.

Mas quem diz que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá, se os mãos vir sublimados?
Que me dirá, se os bõos vir abatidos?
Se alguem me diz, que nascem destinados,
Parece razaõ aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me val ser Santo, que malino?

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamemte passa, e lhe apresenta
Venus a cousa delles mais querida.
Mas o Cabral, que o número accrescenta
Dos naufragios, na Costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou por destino, ou por acerto.

Se havia de perde-la em breve instante,
O salva-la primeiro, que lhe val?

Fortuna alli, se he habil: e prestante,
Porque naõ dava hum bem detraz de hum mal?
Bem dizia o Philosopho elegante
Simonides, ficando em hum portal
Salvo, donde os amigos morrer vira,
Na sala arruinada, que cahira.

Oh poder da fortuna taõ pezado,
Que tantos n'hum momento assi mataste!
Para que maior mal me tẽes guardado,
Se deste que he tamanho me guardaste?
Bem sabia que o Ceo estava irado;
Naõ ha damno que o seu furor abaste;
Nem fez hum mal tamanho, que naõ tenha
Outro muito maior, que logo venha.

Mui bem sei que naõ falta quem me désse
Razões subtis, que o engenho lhe assegura;
Nem quem segundas causas revolvesse;
Materias altas, que o juizo apura.
Eu lhe fico que a todos respondesse,
Mas naõ o soffre a força da escriptura:
Respondo só, que a longa experiencia
Enlea muitas vezes a sciencia.

Atéqui as Estancias que se achavam no primeiro Manuscripto. Continuam agora as do segundo, que fora de Manoel Correa Montenegro.

No Canto VIII., depois da Estancia XXXII.; havia as tres seguintes:

Este deo grão principio á sublimada
Illustrissima Casa de Bragança,
Em estado, e grandeza avantajada
A quantas o Hespanhol Imperio alcança.
Ves aquelle, que vai com forte armada
Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento que pertende,
E a Villa de Azamor combate, e rende?

He o Duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antiguo, e successor famoso,
Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando desta vez taõ admirado
A todo o Mundo, e o Mouro taõ medroso,
Que inda atégora nunca ha despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais avante
Naõ passa co' a Catholica conquista,
Nos muros de Marrocos, e Trudante,
E outros lugares mil á escala vista;
Naõ he por falta de animo constante,
Nem de esforço, e vontade prompta, e lista;
Mas foi por naõ passar o limitado
Termino, por seu Rei assignalado.

Depois da Estancia XXXVI., neste mesmo Canto VIII., havia mais huma, como se segue:

Achou-se nesta desigual batalha
Hum dos nossos, de imigos rodeado;
Mas elle de valor, mais que de malha,
E militar esforço acompanhado;
Do primeiro o cavallo mata, e talha
O colo a seu Senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando,
Os torvados contrarios vai deixando.

No Canto X., depois da Estancia LXXII., havia dez no Manuscripto de Montenegro, as quaes saõ como se seguem:

Verá-se, em fim, toda a India conjurada,
Com bellico aparelho; varias gentes,
Chaul, Goa, e Malaca ter cercada
Em hum tempo lugares differentes.
Mas vê como Chaul quasi tomada,
O mar com suas ondas eminentes,
Vai soccorrer a gente Portugueza,
Que só de Deos espera já defeza.

Vês qual o Rei Gentio presuroso
Arde, cerca, discorre, e anda listo,
Incitando o exercito espantoso
A destruir hum esquadraõ de Christo?

Mas nota o ponto de honra generoso,
Em cerco, nem batalha nunca visto;
Os Soldados fugindo do seguro,
Passar-se ao posto perigoso, e duro.

Alli o prudentissimo Ataíde,
Confortado da ajuda soberana,
Onde a necessidade e tempo o pide,
Soccorrerá com força mais que humana.
Até que com seus damnos se despide
Do crú intento a gente vil, profana,
Que em batalhas, e encontros mil vencidos,
Viráõ a pedir paz arrependidos.

Em quanto isto passar cá na luminosa
Costa de Asia, e America sombria,
Naõ menos lá na Europa bellicosa,
E nas terras da inculta Barbaria;
Mostrará a gente Elysia valerosa
Seu preço, de temor tornando fria
A Zona ardente, em ver que huma conquista
Lhe naõ faz que das outras tres desista.

Veraõ o valentissimo (*) Barriga,
Adail de Zafim, grande, affamado,

(*) Falla aqui o Poeta de Lopo Barriga que foi hum dos mais esforçados Portuguezes que militáram em Africa. Delle fazem illustre memoria as nossas Historias, e com especiali-

Sem ter por armas quem lho contradiga,
Correr de Mauritania serra, e prado.
Mas vê como a infiel gente inimiga
O prende por hum caso desastrado,
E com elle outra gente leva presa;
Que em tal caso naõ póde ter defesa.

Mas passado este trance perigoso,
Olha onde preso vai, como arrebata
A lança de hum dos Mouros, e furioso
Com ella a seu Senhor derriba, e mata.
E revolvendo o braço poderoso,
Os seus livra, e os imigos desbarata:
E assi todos alegres, e triumphantes,
Se tornam donde foram presos antes.

Ei-lo cá por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
Carregado de ferros, de tal peso,
Que de hum lugar mover se naõ podia.
Vê-lo de generoso fogo acceso,
Que o páo ensanguentado sacudia,
Com que ao soberbo Mouro a morte déra,
Que em sua honrada barba a maõ puzera?

---

dade Damiam de Goes em varios lugares da Chronica d'El-Rei Dom Manoel, e Dom Antonio Caetano de Sousa, na Historia Genealogica da Casa Real Portugueza. Tom. XI, p. 699.

Mas vê como os infidos Agarenos,
Por mandado lhe daõ do Rei descrido,
Tanto açoute por isto, que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido,
Sem que ao forte Varaõ vozes, nem menos
Ouvissem dar hum intimo gemido:
Já vai a Portugal despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado.

Olha Cabo de Aguer aqui tomado
Por culpa dos Soldados de soccorro:
Vês o grande Carvalho alli cercado
De imigos, como touro em duro corro?
De trinta Mouros mortos rodeado,
Revolvendo o montante, diz: Pois morro,
Celebrem mortos minha morte escura,
E façam-me de mortos sepultura.

Ambas pernas quebradas, que passando
Hum tiro, espedaçado lhas havia;
Dos giolhos e bráços se ajudando,
Com nunca visto esforço, e valentia:
Em torno pelo campo retirando,
Vaï a Agarena, dura Companhia,
Que com dardos, e settas, que tiravam,
De longe dar-lhe a morte procuravam.

Neste mesmo Canto X. appareciam no referido Manuscripto de Montenegro, depois da Estancia LXXIII., as onze seguintes:

Com taes obras, e feitos excellentes
De valor nunca visto, nem cuidado,
Alcançareis aquellas preeminentes
Excellencias, que o Ceo tem reservado
Para vósoutros, entre quantas gentes
O sol aquenta, e cerca o humor salgado:
Que em poucos se acham poucas repartidas,
E em nenhuma Naçaõ juntas, e unidas.

Religiaõ, a primeira, sublimada,
De pio e santo zelo revestida;
Ao culto divinal sómente dada,
E em seu serviço e obras embebida.
Nesta, a gente no Elysio campo nada,
Se mostrou sempre tal em morte, e vida,
Que póde pertender a primazia
Da illustre e Religiosa Monarchia.

Lealdade he segunda, que engrandece,
Sobre todas, o nobre peito humano;
Com a qual semelhante ser parece
Ao Coro celestial, e soberano.
Nesta por todo o Mundo se conhece
Por taõ illustre o Povo Lusitano,
Que jámais a seu Deos, e Rei jurado,
A fé devida e pública ha negado.

Fortaleza vem logo, que os Authores
Tanto do antiguo Luso magnificam,

Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras, ser verdadeira certificam:
Dando materia a novos Escriptores,
Com feitos, que em memoria eterna ficam;
E vencendo do Mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta, que no Imperio
Portuguez só reside com possança:
Pois no sublime e no infimo Hemispherio
As quatro partes só do mundo alcança:
E as quatro Nações dellas por mysterio
Com que conquista, e tem certa esperança,
Que Christãos, Mouros, Turcos, e Gentios,
Juntaráõ n'huma lei seus senhorios.

Descobrimento he quinta, que bem certo
A' gente Lusitana só se deve,
Pois tendo Norte a Sur já descoberto,
Adonde o dia he grande, e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto,
De Ponente a Levante, inda se atreve
Cercar o Mundo em torno por direito:
Feito despois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
Do peito Portuguez, e cortezia,
Temperança, fé, zelo, e caridade,
Com outras muitas, que contar podia.

Pois asegundo o ponto da verdade,
E regras da mortal Philosophia,
Naõ pode conservar-se huma virtude,
Sem que das outras todas se arme, e ajude.

Mas destas, como base, e fundamento
Daquellas cinco insignes excellencias,
Em que ellas tem seu natural assento,
E de quem tomam suas dependencias:
Naõ quero aqui tratar, que meu intento
Naõ he descer a todas menudencias,
Que geraes saõ no mundo a muita gente,
Senaõ das que em vós se acham tamsómente.

Mas naõ será de todo limpo, e puro,
O curso desigual de vossa historia:
Tal he a condiçaõ do estado escuro
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguaráõ grandemente vossa gloria;
Mas naõ poderá algum successo, ou fado,
Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Tempo virá, que entrambos Hemispherios
Descobertos por vós, e conquistados,
E com batalhas, mortes, captiverios,
Os varios Povos delles sujeitados:
De Hespanha os dous grandissimos Imperios
Seram n'hum senhorio só juntados,

Ficando por Metropoli, e Senhora,
A Cidade que cá vos manda agora.

Ora, pois, gente illustre, que no Mundo
Deos no gremio Catholico conserva,
Redemidos da pena do profundo,
Que para os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeo o immundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva;
Pois sabeis alcançar a gloria humana,
Fazei por naõ perder a soberana.

Ultimamente, depois da Estancia CXLI. deste Canto X., se achou no Manuscripto de Montenegro mais esta que aqui vai:

Daqui sahindo irá, onde acabada
Sua vida será na fatal Ilha:
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de taõ grande maravilha;
Veraõ a náo Victoria celebrada
Ir tomar porto junto de Sevilha,
Despois de haver cercado o mar profundo,
Dando huma volta em claro a todo o Mundo.

Porque se naõ percam totalmente composições do nosso Poeta, com summo gosto fizemos aqui memoria destas Estancias, convencidos de que ellas saõ hum monumento digno

da posteridade, e de ser vingado daquelle esquecimento, em que o tinha posto a incuria, negligencia, e descuido de hum grande numero de Editores, á excepçaõ de Manoel de Faria e Sousa, verdadeiro estimador destas cousas.

Seguem-se as Lições varias, achadas tambem pelo mesmo Faria, na conferencia dos dous Manuscriptos, com hum exemplar da primeira ediçaõ. O que vai de redondo he o que o Poeta desprezou; e o que se achar de grifo he o que imprimio. Os numeros saõ os das Estancias. Cremos que o Leitor estudioso da Liçaõ Poetica tirará huma naõ pequena instrucçaõ, se cuidadosamente se applicar a fazer as devidas e convenientes reflexões sobre as mesmas emendas. As que se seguem saõ as do primeiro Manuscripto.

LIÇÕES VARIAS.

CANTO I.

EST. 4. E vós Tagides Musas. *E vós Tagides minhas.*
Pois sempre. *Se sempre.*
5. Que Marte. *Que a Marte.*
8. Vós ó sagrado Rei. *Vó poderoso Rei.*
Do torpe Mauritano. *Do torpe Ismaelita.*
10. Vereis o peito. *Vereis o nome.*
11. Commũus façanhas. *Com vãas façanhas.*
12. Os onze. *Os doze.*
14. Albuquerque invencibil. *Albuquerque terribil.* Entende-se que o Poeta (que nada escrevia sem ponderaçaõ) fez esta mudança, depois que soube que Affonso de Albuquerque mandára matar hum soldado, por certo delicto, que ou podia ser perdoado, ou devia ser punido com menor pena.
18. Muito mais do que os vossos o desejam.
De regerdes os povos, que o desejam.
20. Quatro versos no meio desta Estancia achavam-se no Manuscripto trocados desta maneira:

Pizando o crystallino Ceo formoso
Pelo caminho Lacteo excellente,

Se juntam em Concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.

22. Com hum gesto severo. *Com gesto alto severo.*
23. Os outros mais abaixo. *Mais abaixo os menores.*
24. Deve-vos de ser noto, e evidente. *Deveis de tér sabido claramente.*
25. Contra o Brigio duro. *Contra o Castelhano.* Quasi todas as vezes que Camões nomeava os Castelhanos, dizia *Brigios*, fundado talvez em que Garibay, lib. IV, cap. 8, Julian del Castillo, nos seus Reis Godos, lib. II, Geronymo Martel, na sua Chronologia, part. I e outros, chamavam a Castella *Briga*, ou *Brigia*, *de Brigo*, seu Rei, que fora neto de Tubal; porém mudou o Poeta de parecer; e, segundo se lia nos Manuscriptos, á excepçaõ de hum só lugar do seu Poema, em que conservou a palavra *Brigios*, em todos os outros onde tinha *Brigio*, e *Brigios*, escreveo *Castelhano*, e *Castelhanos*.
26. Por Capitam Geral o peregrino, que achou *Hum por seu Capitam, que peregrino fingio.*
32. Esta Estancia naõ estava no Manuscripto, e o Poeta a compoz depois.
33. Por quanta semelhança. *Por quantas calidades.*
34. A alma dea. *A clara dea.*
38. Cujo valor. *Cuja valia.* E colhe-se daqui, que *valia* em Portuguez era synonymo de valor; e como tal apparece na Est. LXXXII do Canto IV.

Juiz perfeito. *Juiz direito.*

42. Ilha Madagascar. *Ilha de Saõ Lourenço.*

43. Donde tomam as ondas. *Na Costa da Ethiopia.*

44. O grande Capitam. *O forte Capitam.*
Que toda a armada manda, e lhe obedece.
Que a tamanhas emprezas se offerece.

48. A ancora o mar ferindo. *Da ancora o mar ferido.*

54. He o nome da Ilha. *Chama-se a pequena Ilha.*

58. Os ventos desabridos. *Os furiosos ventos.*

61. Conserva doce excellente, co' o purpureo licor que Baccho cria. *Conserva doce, dá-lhe o ardente, naõ usado licor, que dá alegria.*

64. Da India valerosa. *Da India taõ famosa.*

67. Maças bravas. *Chuças bravas.* Fez o Poeta esta mudança, porque já naquelle tempo usavam pouco das maças.

71. Que aos da armada. *Que aos estrangeiros.*

72. Do inimigo. *Do obsequente.* Ao regio aposento. *Ao cognito aposento.*

79. Tem discorrido. *Tem destruido.* Contra nós lá nos altos pensamentos. *Contra nós, e que todos seus intentos.* Para nos destruirem. *Saõ para nos matarem.*

81. Instruto. *Astuto.*

86. Qual em cavallo ardente. *Hum de escudo embraçado.* E está mudado, e emendado, com a advertencia de que alli naõ havia cavallos. Na maõ, qual arco curvo. *Outro de arco encurvado.*

87. Andam na escaramuça polvorosa. *Andam pela ri-*

beira alva arenosa. Com a lança. *Com a hastea.*

88. Corre, salta, assovia. *Salta, corre, sibila.*

92. Os fortes paraos. *Os pangaios subtijs.*
A má tençaõ contrária. *A vil malicia perfida.*

98. Povo Christão habita. *Povo antiguo Christão sempre habitou.*

104. Na figura do Mouro. *Na fórma de outro Mouro.*

CANTO II.

Est. 1. Humida. *Lenta.* Infidas. *Fingidas.*

4. Ou rubí fino, ou duro diamente. *O rubi fino, o rigido diamante.*

5. Que porque a noite o Sol esconde. *Que porque o Sol no mar se esconde.*

11. Co' as linguas. *Das linguas.*

12. Bromio. *Baccho.*

13. Da filha. *Da moça.*

14. Falso rio. *Salso rio.*

16. Gama Illustre. *Nobre Gama.*

19. Lindas filhas. *Alvas filhas.*

20. Fresca. *Crespa.* Levantadas. *Encurvadas.*

24. Trabalhando. *Atravessando.*

26. E por salvar-se a nado arremetiam. *Saltando na agua, a nado se acolhiam.*

28. Agua clara. *Agua amara.*

29. O Capitam claro. *O Gama attentado.*

30. Insperado. *Inopinado.* Acudir á fraca gente. *A' fraca força.*

34. Que aos deoses. *Que ás estrellas.*
36. Os frescos. *Os crespos.*
39. Te achasse amigo brando. *Te achasse brando, affavel.* A algum celeste. *A algum contrario.*
41. Como irosa. *De mimosa.*
44. Nem que outro algum celeste. *Nem que ninguem comigo.* Que esses olhos. *Que esses chorosos olhos.*
45. Nesta Estancia estavam no Manuscripto os dous versos de Enéas antepostos aos de Antenor, desta sorte:

> Que se o facundo Ulysses escapou
> De ser na Ogygia Ilha eterno escravo;
> E se o piedoso Enéas navegou
> De Scylla, e de Charybdis o mar bravo;
> E se Antenor os seios penetrou
> Illyricos, e a fonte de Timavo;
> Os vossos mores cousas intentando,
> Novos Mundos ao Mundo iraõ mostrando.

46. Postas. *Dadas.*
50. Estar Mavorte. *O grão Mavorte.*
52. Vereis mais. *E vereis.*
53. Nas accias guerras forte, e venturoso. *Nas civis Accias guerras animoso.*
58. E claro. *E raro.* Nesta Est. estava o ultimo verso, primeiro que o penultimo.
61. Manso o vento. *Sereno o tempo.*
64. Vê ferir. *Ve ferida.*
68. Suspiram. *Respiram.* Mansamente. *Brandamente.*

70. Como o Illustre Gama. *Como o Gama muito.*

74. Costa atraz. *Serra atraz.*

77. Lá de longe tinha. *De longe trazia.* Excellente. *Cór ardente.* Com o coral puniceo tem. *O ramoso coral fino, e prezado.*

80. Famosa. *Soberba.* Nomeadas. *Apartadas.*

86. Nenhum temor, ou medo. *Nenhum frio temor.*

95. De obra subtil de poucos alcançada. *Onde a materia da obra he superada.* O pyropo na adaga. *Na cinta a rica adaga.*

96. Ao Sol ardente veda. *A solar quentura veda.* E de outrem naõ sabido. *Horrisono no ouvido.*

98. Co' a pluma a gorra. *Pluma na gorra.*

101. Já no batel entrava o Capitam do Rei. *Já no batel entrou do Capitam o Rei.*

104. O Sol revolve. *O Ceo revolvem.*

106. As bandeiras. *As bombardas.*

107. O Illustre Gama. *Forte Gama.*

111. Que quem he o que ignora, e naõ conhece as famas. *Que quem ha que por fama naõ conhece as obras.*

112. Trabalho estranho. *Trabalho illustre.*

CANTO III.

Est. 1. Docta dama. *Linda dama.* O amor divino. *O amor devido.*

3. O Capitam claro. *O sublime Gama.*

10. Fria Dania. *Lappia fria.* Os Hunnos, a grão Gotthia. *Escandinavia Ilha, etc.* O desabrido. *O congelado.* Gráo parte. *Hum braço.* Pelo Baltico, Russio, e Lithiano. *Pelo Brussio, Suecio, e frio Dano.*
14. Da agua a que tem humilde. *Das aguas que taõ baixa.* O Mundo todo. *Nações varias.*
16. França. *Gallia.*
17. Belligeros. *Bellicosos.*
18. Estreito claro. *Sabido estreito.*
20. O Sol. *Phebo.* Com que ao proprio Mauritano deitou dos proprios fijs. *Contra o torpe Mauritano, deitando-o de si fóra.*
21. Esta he aquella. *Esta he a ditosa.* Que torne vivo. *Que eu sem perigo.* Com tamanha empreza. *Com esta empreza já.* Serme-ha gosto entre os homens excessivo. *Acabe-se esta luz alli comigo.* Que do antiguo Divo Baccho Thebano. *Que de Baccho antiguo.* Foram companheiros. *Filhos foram parece, ou.* Nella parece. *E nella entaõ.*
22. Daqui o Pastor. *Desta o.* A eterna Roma. *A grande Roma.*
24. Com este. *Com hum* Rei. *Afonso.* Premios, e galardões. *Premio digno, e dões.*
25. Lhe deram Portugal, que entaõ. *Portugal houve em sorte, que no Mundo entaõ.*
Naõ era conhecido. *Naõ era illustre.*
27. De Christo. *De Deos.*
31. A inquieta. *A soberba.*

33. Sentimento. *Entendimento.*

34. Convocado da. *Para vingar a.* O taõ fraco. *O taõ raro.*

35. Torna o Castelhano. *Foi refazer-se o imigo.*

36. Do Lusitano. *Do moço illustre.*

37. De Castella. *Castelhano.*

38. Segurança. *Confiança.*

40. Inclinado. *Já entregado.* Submettido. *Offrecido.*

42. Orgulhoso. *Ditoso.*

43. Naquelle Deos. *No summo Deos.* Por muito mais doudice. *Por mais temeridade.*

44. Reis saõ os Mouros. *Reis Mouros saõ.*

45. Ao Principe. *A Afonso.*

46. Por Dom Afonso Rei. *Por Afonso alto Rei.*

49. O cego mato. *O seco mato.* Estiondó. *Estridor.*

51. Que podiam mover. *Para se desfazer.*

55. A secca Arronches. *A forte Arronches.*

56. Fortes. *Nobres.* Forte Mafra. *Tambem Mafra.*

58. Povos. *Muitos.* Mouros. *Muros.*

59. Claro. *Cheio.*

60. Que o Rheno, Albis, e Ibero. *Que o Ibero o vio, e o Tejo.*

62. Sobre humano. *Mais que humano.*

65. Vence hum grande. *Desbarata hum.*

66. Sessenta mil peões de seda. *Innumeros peões de armas.* Valentes. *Guerreiros.*

67. Dava o Principe indignado. *Affonso subito mostrado.* Na gente que passava. *Na gente dá, que*

passa. Hũus captiva, outros mata. *Fere mata, derriba.* Já foge o Rei que só. *Foge o Rei Mouro, e só.*

68. Paz Augusta. *Badajoz.*

77. Dura tuba. *Ronca tuba.*

79. Força. *Esforço.* Daqui se colhe, que todas as vezes que o Poeta usa da palavra *força* entende por ella *fortificaçaõ*, ou *cópia.*

83. Próspero. *Principe.*

88. Famosa. *Formosa.* Que trouxera o contraste. *Que viera por contraste.*

89. Gallega. *Soberba.*

90. Que de antes os perros. *Porque d' antes os Mouros.* O deixáram. *O pagáram.*

93. Sublimado. *Costumado.* E de Senhores. *A Senhores.* Naõ he. *Naõ for.*

96. No Reino já tranquíllo. *Na terra já tranquilla.*

97. Delphico. *Soberbo.*

99. Que nunca foi. *Porque naõ he.*

100. Exército. *Barbaro.*

101. Muita. *Grande.*

102. Paternos. *Paternaes.*

105. Os versos desta Est. tinham no Manuscripto a seguinte collocaçaõ:

> Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
> O corrente Moluco se congela;
> Se esse gesto que mostras claro, e lédo,
> De pai o verdadeiro amor assela;
> Rompe toda a tardança: acude cedo
> A' miseranda gente de Castela;

Acude, corre, pai; que senaõ corres,
Póde ser que naõ aches quem soccorres.

106. A bella Venus. *A triste Venus.*

107. Trilhados. *Coalhados.*

111. O fraco e gentil Pastor. *O Pastor inerme estar.* O santo. *O fraco.*

112. A gente. *Ao Reino.*

113. A que. *Alli.*

114. Tamanha presteza. *Esforço tamanho.* Naõ lhe val elmo, malha. *Sem lhe valer defeza.* O duro. *O forte.*

115. Altos Reis. *Fortes Reis.*

116. Terça parte. *Quarta parte.* Tres moios. *Alqueires tres.*

117. Esta Est. naõ se via no Manuscripto; e o Poeta a accrescentou depois.

120. Lédo. *Doce.* Doce. *Lédo.* Só o soïdoso campo. *Nos campos saúdosos.*

Pondera Manoel de Faria e Sousa neste lugar, que em tempos mais antiguos senaõ dizia em Portuguez *saúdoso*, e *saúdade*, mas fim *soidoso*, e *soidade*, termos que elle tem por mais expressivos: diz mais, que no seu tempo se conservava ainda na plebe o uso destas duas ultimas palavras; concluindo, que a impertinente e affectada elegancia dos cultos, antes que a humilde e syncera simplicidade da plebe, era quem corrompia, e pervertia mais o uso natural dos Idiomas.

123. Por tirar ao. *Por lhe tirar o.* Do poder Mouro seja. *Do furor Mauro fosse.*

124. Baixa. *Crua.* Saüdosas. *Piedosas.*

125. Que já as. *Porque as.*

130. Por bõos taes feitos. *Por bom tal feito alli.* Feros *Feroces.*

132. Duros. *Brutos* Na marmorea columna. *No colo de alabastro.* Fingindo. *Banhando.*

133. Crua. *Sceva.*

134. Assi está morta a misera. *Tal está morta a pallida.* Linda. *Viva.*

135. Longamente. *Longo tempo.* Gentil. *Fresca.*

136. Pedro naõ visse. *Naõ visse Pedro.*

138. Viciosissimo. *Sem cuidado algum.*

139. Hum fraco. *Hum baixo.*

140, 141. Estas duas Estancias naõ estavam no Manuscripto, e foram depois accrescentadas pelo Poeta.

142. De hum vulto Meduseo, sereno ardente. *Vulto de Medusa propriamente.*

243. Riso. *Gesto.*

CANTO IV.

1. Rei perdido. *Rei Fernando.*

2. Da fraqueza, ou descuido. *Descuido remisso.* Poucos dias. *Pouco tempo.* Que este só era entaõ do Reino. *Por Rei como de Pedro unico.*

4. Tambem. *Entaõ.*

7. Se o morto Conde Andeiro. *Se a corrompida fama.*
8. Que do antiguo Brigo o nome tomou, depois mudado, *Que de hum Brigo, se foi, já teve o nome derivado.* Das Cidades, e Villas, que. *Das terras que Fernando, e que.* Com tanta honra ganhou. *Ganháram do Tyranno.*
9. Divisas. *Insignias.*
10. Toledo, obra antigua de Bruto. *Toledo, Cidade nobre, e antigua.*
11. A guerra movem as tres. *Movem da guerra as negras.* Moradores. *Matadores.*
15. O bravo. *O patrio.*
16. Claros. *Feros.* Vencêram. *Vencestes.*
17. Celebrados. *Sublimados.*
19. Os Brigios. *Estes.*
22. Aquella gente esforça Nuno. *Desta arte a gente força, e esforça Nuno.*
22. Cada hum se armava, como lhe.... *Arma-se cada qual como.*
24. Gallos. *Francezes.*
25. Antaõ Vaz de Almada o. *Antaõ Vasques de Almada he.* Abrantes. *Abranches.* Claro. *Forte.*
26. Gloriosas. *Bellicosas.* A' vista. *Defronte.* Mas maior he o medo que. *E todas grande dúvida.*
18. Lusitana. *Castelhana.* Terrifico. *Terrivel.*
29. A vida. *Da vida.*
32. Julio Magno. *Julio, e Magno.*
33. O forte. *O nobre.*

36. Ferida. *Parida.*
37. O monte bello, e os Sete Irmãos. *Os montes Sete Irmãos atroa, e.*
41. Do vulgo, em fim, que naõ tem. *Tambem do vulgo vil sem.* Do Brigo. *Do inimigo.*
44. A infausta sede. *A sede dura.*
48. A Fé de Christo, a Fé. *A Lei de Christo, a Lei.*
51. Nesta Estancia faltava no Manuscripto o verso 6.
53. Porque Hespanha naõ perecesse. *Porque se Hespanha naõ* temesse.
54. Vencer-se de ninguem. *Poder ninguem vencer.*
58. No Reino. *Nos Reinos.*
61. Com presteza. *Celebrada.*
62. As ondas Adriaticas. *Pelo mar alto Siculo.* Pelo mar de Canopo ás costas. *E dalli as ribeiras altas.* Sobem-se a. *Sobem-se á.*
63. E vendo as altas. *Ficam-lhe atraz.* Detraz o monte Caspio lhe ficou. *Que o filho de Ismael co' o nome ornou.* Vendo-a a Felice a. *Feliz, deixando a.*
67. E como nunca já do. *O qual como do nobre.* Deixasse de ser hora, nem. *Nãõ deixasse de ser hum.*
69. Debaixo. *Diante.* Largas. *Claras.*
74. Primeiro. *Com tudo.*
75. Caro. *Escuro.* Rubicunda. *Pudibunda.*
82. Entrambos de ousadia. *Ambos saõ de valia.* Primor. *Furor.*
84. Rica arêa. *Branca aréa.*
85. Nos Ceos. *No Olympo.*

60. Ante. *Para.*
88. Dos frades neste officio. *De mil religiosos.*
95. Hum vento. *Huma aura.*
96. Chamaste. *Chamam-te.*
98. Deixou. *Deitou.*
100. Comnosco. *Comtigo.* Elle nas. *Elle por.*
102. Facundo. *Profundo.*
103. A todo o. *Para o.* De entendimento. *De altos desejos.*

CANTO V.

13. Esta Estancia naõ estava no Manusoripto, e o Poeta a compoz de novo.
18. Falsas aguas. *Altas ondas.*
19. No mar. *No ar.*
22. Toma. *Tira.*
27. Depressa. *Por força.*
28. Que o rudo. *Que o bruto.*
31. Diz. *Cre.*
33. *A resposta lhe démos taõ crescida.* Neste lugar diz Manoel de Faria e Sousa, que tanto na primeira Ediçaõ, como no Manuscripto de que usava, se lia em lugar de *crescida*, *tecida;* mas que elle, por naõ entender bem o que fosse *resposta tecida*, e por attribuir isto a erro de Impressaõ, ou de Amanuenses, emendára, e puzera em lugar de *tecida*, *crescida.* Em obsequio da verdade, e da obrigaçaõ em que estamos a este insigne Escriptor, cuja memoria será

sempre respeitada entre os Sabios; confessaremos em todo o tempo, que Manoel de Faria e Sousa foi quem mais trabalhou e se cansou para que tivessemos huma Ediçaõ a mais certa, e a mais exacta das obras deste Poeta; mas tambem naõ soffreremos nos diga absolutamente, que elle neste lugar emendára, e puzera. Todos sabem que a primeira Impressaõ deste Poema se fez em Lisboa no anno de 1572 em quarto, e que logo no mesmo anno, e na mesma Cidade, se fez segunda Impressaõ, mais correcta, e emendada, tambem em quarto. No anno de 1584, doze annos depois da primeira e segunda Impressaõ, e cinco depois da morte de Luis de Camões, em Lisboa, por Manoel de Lyra, sahio o mesmo Poema impresso em oitavo, com humas breves notas. Crêmos que esta fosse a terceira Ediçaõ, da qual presentemente temos hum exemplar diante dos olhos, onde no Canto V., Estancia XXXIII., verso 4., se acha:

A resposta lhe démos taõ crescida.

Poucos annos depois, que foi no de 1613, sahio posthumo o chamado Commento de Manoel Correa; e esta Ediçaõ, que tambem temos presente: nos mostra o mesmo verso, da mesma sorte impresso:

A resposta lhe démos taõ crescida.

Todas as outras Edições (trabalhadas mais pelo interesse de sórdidos Impressores, que pelo zelo do

credito do Poeta, ou da Naçaõ), das quaes temos presentemente a maior parte, nos deram sempre o referido verso com a palavra *tecida*, em lugar de *crescida*; admirando-nos naõ pouco, de que tambem assim se ache na impressaõ de 1609 dedicada por Domingos Fernandes a D. Rodrigo da Cunha, que depois foi Arcebispo de Lisboa; por ser esta sem controversia a melhor, a mais certa, e a mais completa (á excepçaõ da do mesmo Faria), que se fez deste Poema. De tudo o que fica dito fará o Leitor seu juizo; advertindo ser provavel, que aquelles dous Editores de 1584, e 1613, como contemporaneos do Poeta, achassem originaes seus, ou pelo menos vissem copias immediata e fielmente extrahidas delles, e que por isso nos déssem naquelle lugar a palavra *crescida*, em lugar de *tecida*.

39. No mar. *No ar.*

43. Sabei. *Sabe.* Vós fazeis. *Tu fazes.*

45. A dura Quiloa asperrima. *A destruída Quiloa com.*

49. Temeroso, e ronco. *Espantoso, e grande.*

51. As costas. *As ondas.*

53. Por guerra. *Por armas.*

54. Naõ soube. *Naõ pude.*

55. Linda Tethys inclyta. *Branca Tethys unica.*

57. Vergonha. *Deshonra.*

60. Toou. *Soou.* Me. *Nos.* Attendeo aqui o Poeta a ser guia de Vasco da Gama, particularmente o Anjo

São Raphael, cuja imagem, como devoto seu, levava no navio, que tambem tinha este nome.

61. Rutilante. *Radiante.*

67. Co' o mar tamanho espaço estava. *Co' o mar parece, tanto estava.* Romper. *Vencer.*

74. Invençaõ do sagrado. *Encommendado ao sacro.*

76. Algũus nomes Arabios. *Palavra alguma Arabia.*

88. Que cantando. *Que co' o canto.*

91. Da náo. *Do mar.*

93. Como a vez. *Como a voz.* E diz Faria que foi erro da penna.

CANTO VI.

1. Mouro os famosos. *Pagaõ os fortes.*

2. Sereno Rei. *Famoso Rei.*

3. Do Mouro. *Do Pagaõ.*

6. A forte Lusitania. *A gente Lusitana.*

8. Deoses muitos. *Deoses do mar.*

9. Rutilante. *Radiante.*

10. Da qual e. *Na qual do.* A mui. *A taõ.*

14. Esperando. *Aguardando.*

18. Mexilhões. *Breguigões.*

25. Enriquecem os. *Em riquissimos.*

26. Faltavam os versos 5., e 6., que o Poeta accrescentou.

28. N'outro tempo. *Com razaõ.*

29. Taõ grandissimas. *E insolencias taes.*

30. Que de hum meu Capitam. *Que de hum vassallo meu.*

31. Aquelles. *Os minias.*
33. Que Jupiter. *Que o grão Senhor.* Naõ por razaõ senaõ por caso o. *Como lhe bem parece o baixo.*
38. Fundo ponto. *Fundo aquoso.* Rica. *Lassa.*
39. Bem. *Mal.* Seus. *Mil.*
40. Enganar. *Passar.*
70. Desta arte arrazoavam vigiando, quando. *Mas neste passo assim promptos estando, eis.*
71. A rasgam. *A fazem.*
72. Tardando. *Cessando.*
73. Rijos. *Duros.*
75. Brados. *Gritos.*
81. O Astrifero Polo. *Os Ceos, e mar, e terra.*
92. Baixa. *Alta.*

Aqui daõ fim as Lições várias do primeiro Manuscripto: seguem-se agora as do segundo; no qual, naõ obstante estar viciado por Manoel Correa Montenegro, de quem havia sido, sempre Manoel de Faria observou as mudanças que se seguem.

CANTO I.

4. Musas do Tejo. *Tagides minhas.*
9. Bello gesto. *Tenro gesto.*
10. Materno. *Paterno.* Paterno. *Superno.*
16. Remate. *Exicio.* O colo mostra. *Mostra o pescoço.*
21. O Antarctico Polo. *O Austro tem.*

22. Sereno. *Severo.*
49. De prata. *De vidro.*
58. De Phebe. *Da Lũa.*
62. Nautica. *Maritima.*
67. Béstas. *Arcos.*
89. Estouro. *Brado.*
106. Verme. *Bicho.*

CANTO II.

1. Deos Neptuno. *Deos Nocturno.*
43. Segredos. *As entranhas.*
52. Hum coraçaõ taõ inclyto, e valente. *Tanto hum peito soberbo, e insolente.*
53. Nas intestinas guerras venturoso. *Nas Civis Accias, ect.*
56. Manda o bem fallado. *Manda o consagrado.*

CANTO III.

49. O gado. *O fato.* Fato aqui está pelo mesmo gado, porque em phrase pastoril isso mesmo significa. O mesmo Poeta na Eclog. VI. diz: *Do seu gado, e pobre fato.*
71. Que teu sogro victoria alcance indina. *Ter teu sogro de ti victoria dina.*
84. Os saudosos campos. *Os semeados campos.*
97. O supremo exercicio. *O valeroso officio.*

126. Em cruentas rapinas. *Nas rapinas aereas.*
140. Deste vício. *Do peccado.*

CANTO IV.

1. Traz ás vezes o Sol. *Traz a manhãa serena.*
16. Vencêram. *Vencestes.*
39. O sangue ardente. *O fogo ardente.*

CANTO VI.

21. Alabastrino. *Crystallino.*
80. Firmes. *Velhas.*

CANTO VII.

74. Verme. *Bicho.*
77. *De hum velho, de semblante soberano.* Este verso assim deve ler-se, e naõ como vai no seu lugar.

CANTO VIII.

5. Esquadras. *Batalhas.*
62. Preciosos. *Valerosos.* Liga. *Lia.*
64. Que o espirito divino lhe infundia. *Que Venus,* etc.

CANTO IX.

7. Sulphureos tiros. *Trovões horrendos.*
10. Outros volvem co' o peito a dura barra. *Outros quebram co' o peito duro a barra.*

17. Que naõ lhe cabe o coraçaõ no peito. *Que o coraçaõ para elle he vaso estreito.*

21. Grandes dúvidas, e contendas, houve em todos os tempos, entre os Commentadores, e Editores deste Poema, sobre a verdadeira, e genuïna liçaõ do verso 6. da Estancia XXI. do Canto IX. E principiando pelo Manuscripto de Manoel Correa Montenegro, com cujas lições várias vamos continuando; nelle, affirma o mesmo Faria e Sousa, que se lia o tal verso desta maneira: *Co' o terreno que cerca o grão Proteo.* Na primeira Ediçaõ, que foi em 1572, se lê: *Da primeira co' o terreno seio.* Na segunda, feita no mesmo anno: *Da mai primeira co' o terreno seio.* Na de Manoel de Lyra em 1584: *Da primeira co' o terreno seio.* Na de Domingos Fernandes em 1609, dedicada a D. Rodrigo da Cunha, que depois foi Arcebispo de Lisboa, que he a mais estimavel, e correcta, e de que já acima fallámos: *Da mãi primeira co' o terreno seio.* Depois em 1613. veio o celebrado Commento (assim chamado) de Manoel Correa, que se imprimio posthumo; onde sobre esta Estancia novamente teimou o mesmo Correa, que havia de ler-se: *Da primeira co' o terreno seio;* porém reconhecendo que o verso ficava desconcertado, e perdido, para sustentar o seu delirio, sahio por outra verêda; e sem mais se embaraçar, nem dar alguma satisfaçaõ, em quanto á intelligencia do lugar, e ao sentido e contexto delle, que fica ainda mais

21.

perdido do que o mesmo verso, passou a dizer, que o verso para ficar certo, se haviam de escrever e pronunciar separadamente as duas vogaes que constituem o diphthongo *ei* na palavra *primeira*. Notavel capricho! Na verdade que a ninguem veio ainda ao pensamento, que se haviam de pronunciar com dous sons diversos, duas vogaes em hum diphthongo. Pertendia este Author, por estas contas, que o tal verso se escrevesse e pronunciasse desta sorte: *Da prime-ira co' o terreno seio.* Com estes e semelhantes desatinos concluio o bom Correa, que assim o tinha ouvido ao mesmo Poeta.

Depois da Ediçaõ de Manoel Correa notavelmente se multiplicáram as Edições até aos nossos tempos; e como a má semente pega, e produz com facilidade, em quasi todas ellas se lê este verso com esta mesma alteraçaõ, e com este mesmo vicio. Alguns que quizeram fugir delle, ainda cahíram em erro maior, e depraváram mais aquelle lugar do Poeta, produzindo-o desta maneira: *Com a primeira do terreno seio.* Assim se acha na Ediçaõ de París de 1759., e em outra que posteriormente se fez logo em Lisboa. Mas oxalá que só a este se reduzissem os innumeraveis erros destas duas ultimas Edições! He digno de particular attençaõ, e de muitos louvores, o judicioso Traductor Italiano Carlos Antonio Paggi, porque havendo de passar este Poema para o seu Idioma, senaõ fiou ahi de qualquer exemplar; mas teve

a advertencia, e prevençaõ, de procurar hum dos mais certos, e mais correctos (que soube escolher, merecendo-nos por isso esta especial memoria), e que lhe désse huma liçaõ a mais legítima, e verdadeira. Da Traducçaõ dos quatro versos ultimos desta Estancia o colhemos, que he como se segue:

Che nel Regno hà pur molte, a cui confina
De la madre primiera il terren piano,
Oltre di quelle, che le diè la sorte
Di sommo pregio entro l' Erculee porte.

Naõ se póde certamente dizer outro tanto da traducção Latina, que deste mesmo Poema fez Fr. Thomé de Faria, aliás benemerito em outros estudos, e em outras Faculdades; pois procurando-se nella este e outros lugares do Poema, em lugar de se achar o que o Poeta escreveo, acham-se cousas que talvez lhe naõ passariam pela imaginaçaõ.

No meio de todas estas desordens, destas negligencias, e destes descuidos typographicos, appareceo no Mundo Manoel de Faria e Sousa, Varaõ (a pezar da inveja, e da malevolencia) verdadeiramente consummado em todo o genero de erudiçaõ; o qual, depois de consumir mais de vinte e cinco annos, como elle mesmo confessa, em trabalho, e estudo, para poder entender e commentar este Poeta; e depois de ter visto e examinado tudo o que podia conduzir para o fim que se havia proposto, deixou assaz provado,

e estabelecido, que o verso de que tratamos se devia ler: *Da mãi primeira co' o terreno seio;* visto que o contexto naõ pedia outra cousa; visto ser este modo de dizer proprio do estylo do Poeta; visto que assim se lia na segunda Ediçaõ do Poema; e visto ser esta muito mais estimavel, que a primeira; porque além de ter tambem a assistencia do Poeta, que entaõ se achava já em Lisboa, se observava tinha sahido considéravelmente emendada dos muitos erros, e faltas, que, ou por malícia, ou por ignorancia, lhe tinham deixado ir na primeira. O mesmo que Manoel de Faria practicoú com este lugar, observou em outros muitos do Poema, e Rhytmas do mesmo Poeta, restituindo-os á sua primitiva e legítima inteireza, e tirando-os daquelle estado depravado, e corrupto, em que os tinha posto o desleixamento e incuria de Impressores barbaros, e imperítos. Mas que se seguio de todas estas fadigas litterarias, com que Manoel de Faria e Sousa illustrou a este Poeta, e a Patria? Por ventura esses lugares restituidos á sua legítima liçaõ, passáram com a mesma integridade ás Edições que posteriormente se fizeram? *Iterum ad lapidem.* Foram amontoando erros sobre erros, de sorte que em huma das Impressões, que ultimamente se fizeram em Lisboa, houve curioso, que só no primeiro Canto do Poema numerou cento e tantos erros, entre os quaes (como vimos) havia naõ poucos de versos inteiros.

Naõ nos parece justo molestar o Leitor com mais largos discursos a este respeito; maiormente advertindo-nos a pouca efficacia das nossas palavras, do pouco fructo que tiraremos nesta parte. Certificados disto, contentar-nos-hemos, já que a debilidade das nossas forças nos naõ permitte conseguir outra cousa, com que haja huns poucos, os quaes, reconhecendo este nosso trabalho, ao menos nos louvem o zelo com que sahimos a campo, para pôr na sua devida inteireza o credito do nosso Poeta, tantas vezes arruïnado nos innumeraveis erros de pessimas Edições. Só por fim accrescentaremos, em quanto para a intelligencia do presente lugar, que o que Venus dizia a seu filho, tinha para recreio dos Portuguezes, depois dos immensos trabalhos de huma taõ dilatada e perigosa derrota, era huma das muitas Ilhas, que ella dominava naquelles mares Orientaes (a que chama Reino, e o he de Neptuno para com os Poetas), que *confinavam com o terreno seio da primeira mãi.* Mais claro (para ver se de huma vez a ignorancia deixa de ser ignorancia); *que confinavam com o Paraiso Terreal,* onde esteve Eva, primeira mãi do genero humano. Seguia o Poeta a opiniaõ de muitos Authores, e ainda Santos Padres, que fundando-se em algumas razões de congruencia, se convencêram, e affirmáram, que o Paraïso Terreal fora naquella parte do Mundo, que depois se chamou Asia.

43. Entaõ pudíco. *E impudíco.*

49. Faça quanto a virtude lhe amoesta. *Faça quanto lhe Venus amoesta.*

59. Escondei-vos dos damnos; que co' os bicos. *Entregai-vos ao damno, que co' os bicos.* Fazem na fructa os passaros inicos. *Em vós fazem os passaros inicos.*

O texto dos quatro versos ultimos desta Estancia se ordena desta maneira : *E vós, peras pyramidaes, se quizerdes viver na vossa fecunda planta, entregai-vos ao damno, que com os seus bicos vos fazem os passaros travessos.* Tres figuras Rhetoricas observou o Commentador Faria que o Poeta usára neste lugar; *Apostrophe*, tornando a fallar com as peras; *Prosopopéa*, fallando com o insensivel, e inanimado, como se tivera alma; e *Sarcasmos*, especie de ironía picante, dizendo ás mesmas peras que se entregassem ao damno, quando o intento do Poeta era persuadir-lhes que fugissem delle.

76. A fortaleza. *A natureza.*

91. Que Neptuno. *Que Jupiter.*

95. Da fama. *De Venus.*

CANTO X.

4. Nectar. *Ambrosia.*

88. Tremendo. *Turbulento.*

104. Deitada. *Deixada.*

INDEX

DE TODOS OS NOMES PROPRIOS

QUE SE CONTÉM EM ESTE POEMA,

RECOLHIDOS E ORDENADOS POR JOAÕ FRANCO BARRETO.

A.

ABASSIA, parte de Africa, dividida de Arabia com as portas do mar Roxo: cujos Povos se chamam Abyxins, ou Abassis, sujeitos ao Preste Joaõ, hum dos grandes Reis do Oriente, e dos mais poderosos de Africa, porque tem debaixo de seu mando mais de quarenta Reinos.

Abrahaõ, primeiro Patriarca: he a saber, o primeiro dos pais: do qual e de Agar sua escreva, dizem os Mouros que procede Mafamede.

Abranches, Lugar, e Condado de Franca.

Abrantes, Villa de Portugal, junto do Rio Tejo.

Abyla, monte de Africa, sobre o qual está a Cidade Ceita, pertencente aos Reis de Portugal. Chamam os Authores a este monte Columna de Hercule.

compaheiras; e sentida de Acteon a ver em aquelle estado, o converteo em cervo; e logo visto de seus cães, foi por elles mesmos despedaçado.

Adaõ, primeiro homem, e primeira figura de Deos; viveo 930 annos, e esteve no Limbo 5231.

Adamastor, hum dos Gigantes filhos da terra; os quaes tendo guerra com Jupiter, fôram vencidos, e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor tranformado no Cabo, e commummente chamado da Esperança. Do nome deste Gigante se lembrou Sidonio, e Carlos Estephano em seu Diccionario, aindaque Claudiano, e outros, o chamam Damastor.

Adem, cidade na Arabia Feliz, situada ao pé de hũa serra, a quem os naturaes chamam de Arzira, que he toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cinara, e de sua filha Myrrha, a qual foi convertida em huma arvore de seu nome. Foi este muito amado de Venus.

Adriatica Veneza: chama-se assi esta Cidade por estar fundada no mar Adriatico, o qual se chama assi de huma Cidade por nome Adria, que antiguamente esteve entre as bocas do rio Pó, do que agora naõ ha rasto.

Africa, nome da terceira parte do Mundo, e de huma Cidade principal della.

Elva, ou Elba: o qual nasce em os montes que dividem a Bohemia e Moravia, de Suevia, e penetrando a Saxonia entra no mar Oceano.

Albuquerque: he o grande Afonso de Albuquerque, que succedeo a D. Francisco de Almeida na governança da India.

Alcaçar do Sal, Villa de Alemtejo.

Alcino, Rei dos Pheacos, na Ilha Corciza, diligente cultivador de hortos, e pomares, o qual recebeo em sua casa a Ulysses affligido, com seus companheiros, humanissimamente.

Alencastro: foi este Duque sogro d'ElRei D. Joaõ o primeiro, e irmaõ d'ElRei Duarte de Inglaterra.

Alexandro, cognominado o Magno, foi liberalissimo.

Alcides, cognome de Hercules, de Alceo seu avô, ou de Alcy, dicçaõ Grega, que significa vigor, ou força.

Alcmena, mãi de Hercules.

Alcoraõ: he entre os Mouros o livro de sua seita maldita, composto por Sergio Mónaco, em o qual poz algumas cousas da Lei Mosaica, algumas da Evangelica, e muitas falsas.

Alecto, huma das tres furias Infernaes.

Alemanha, Provincia de Europa, bem conhecida, chcia de Principados potentissimos, de Cidades grosissimas, povos, e mantimento infinito. Primeiro foi chamada Germania.

Algarves, Reino annexo ao de Portugal.

Ampaza, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Ampelusa, Promontorio entre Ceita e Tanger: chama-se hoje a ponta de Alcaçar.

Amphióneas Thebas: contam os Poetas, que foi Amphion hum musico taõ excellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguiam as cousas insensiveis, como pedras, páos, e outras cousas semelhantes, e que desta maneira ajuntou a pedra, com que fez os muros a Thebas, Cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes; e por esta razaõ os Poetas a chamam Aphiónea; na qual dizem nasceo Baccho.

Anchises, filho de Capis, e pai de Enéas, ao qual houve na deosa Venus.

Andaluzia: segundo ElRei D. Alfonso o Sabio, he toda aquella terra que está desde o Rio Guadiana, até o mar Mediterraneo, e desde o mar Oceano, até o Rio Xucar, assi como cahe no mar Mediterraneo.

Andromeda, filha de Cepheo, Rei de Ethiopia, e de Cassiope; e tambem hum Signo celeste.

Annibal, Capitam valerosissimo, natural de Carthago, Cidade antigua de Africa.

Antaõ Vasques de Almada, Portuguez valerosissimo, e hum dos doze Cavalleiros que foram a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reino, para as desaggravar de certos Cavalleiros Inglezes que as haviam publicamente affrontado.

tomar huma Virginia a seu marido, acabou mal a vida, preso em ferros.

Apollo, filho de Jupiter, e de Latona, tido entre os Antigos por deos da sabedoria, dos Poetas, das Musas, e se toma ordinariamente pelo Sol.

Apulia, Regiaõ de Italia, visinha ao mar Adriatico.

Aquilo, vento Septentrional.

Ara, constelaçaõ celeste.

Arabia, Província entre Judéa, e Egypto.

Arabio, o natural de Arabia, donde dizem que era Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos Arabes, chamados corruptamente Alarves; e se falla, naõ sò em Africa, mas na Persia, e muitas partes de Asia.

Aragaõ, Reino de Hespanha, cuja Metropoli he Çaragoça.

Araspas, hum certo Medo, a quem Cyro Rei dos Persas deo a guardar Panthea, mulher de Abradatas Rei dos Susos, que captivára no arraial dos Assyrios: e se houvera perder com ella, se o mesmo Cyro o naõ remediára, tirando-lha das mãos.

Arcadia, Provincia da Moréa, dita assi de Arcade, filho de Jupiter, sujeita hoje ao Grão Cam.

Archetypo, he o traslado primeiro, ou principal fórma de qualquer cousa; e o Poeta o toma por Deos Nosso Senhor, Creador de todas as cousas.

Arcturo, he huma estrella, na parte Septentrional, que he o Norte.

Arquico, Lugar de Ethiopia, sujeito ao Preste Joaõ, e unico porto de toda aquella costa.

Arraçaõ, Reino que confina com o de Bengala nas partes da India.

Arronches, Lugar de Alemtejo.

Arsinario cabo, he o que nós agora chamamos Verde.

Arsinoe, filha ou irmãa de Ptolemeo, Rei de Egypto, a qual fundou hum Lugar, que de seu nome se chamou Arsinoe, e agora Suez, na costa do mar Roxo.

Artabro, he o monte, a que hoje chamamos Cabo de finis terræ.

Arzira, he huma serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Asaboro, he hum Cabo, a que os nossos chamam Moçandaõ, no Reino de Ormuz.

Asia, a terceira parte da terra em número, aindaque a metade en cantidade.

Assyria, Provincia de Asia, dita vulgarmente Soria, ou Suria.

Astianax, filho unico de Heitor, e de Andromacha, ao qual Ulysses lançou de huma torre abaixo, quando os Gregos entráram na Cidade de Troia.

Astréa, filha de Astreo Gigante, e da Aurora; ou segundo outros de Jupiter, e Themis.

Asturias, Provincia de Hespanha, cuja Metropoli he Oviedo, aonde se salváram na inundaçaõ dos Arabes, aquelles poucos Godos que escapáram, e com muitas reliquias de Santos.

Aurea Chersoneso, he Malaca.

Aurora, filha do Sol, e da terra, mulher de Titam, e mãi de Memnon, Rei de Ethiopia. He propriamente aquella claridade, que no Ceo apparece antes que o Sol saia. E neste Poema havemos de entender por Reinos, terras, ou portos da Aurora, a India, por estar no Oriente.

Ausonia, foi antiguamente parte de Italia, hoje se toma por toda Italia.

Austro, vento da parte do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.

Axio, rio, chamado hoje Brade, ou Varadi, o qual atravessa Macedonia.

Azenegues, Povos de Africa, dos quaes se começa a terra de Guiné: he terra muito falta de agua, e mantimentos.

B.

Babel, em vez de Babylonia.

Babylonia, Cidade dita a grande, onde foi a grande torre de Nembroth, pela qual foram dividídas as linguas. Edificou a, segundo algũus, Semiramis Rainha do Egypto, com taõ admiraveis edificios, que com razaõ foi contada entre as sete maravilhas do Mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates, e antiguamente foi dita Memphis.

Baçaim, Lugar entre Chaul, e Dio, em cuja Fortaleza

Barem, huma Ilha de Ormuz, onde se pesca o aljofar.

Baticalá, Fortaleza na costa do Malabar, algumas 30 leguas de Goa.

Beadala, Cidade junto ao Comorî, destruïda por Martim Afonso de Sousa, Capitam mór do mar da India, em tempo do Governador Nuno da Cunha.

Beatriz, foi filha d'ElRei Dom Fernando de Portugal, casada com ElRei Dom Joaõ de Castella.

Beja, Cidade de Portugal, na Provincia de Alemtejo.

Belém, acerca do nosso Poeta he a casa de Nossa Senhora de Belém, a que deo principio o Infante Dom Henrique, ennobrecida despois por ElRei Dom Manoel, sita no Lugar chamado antiguament- Restello, donde partem neste Reino todas as armadas para fóra.

Belizario, valerosissimo Capitam de Justiniano Imperador, o qual houve grandes victorias em Persia, e em Italia, e pagou-lhe Justiniano com o prender, e desterrar.

Bellona, deosa das batalhas, irmãa e cocheira de Marte.

Bengala, Reino Oriental, abundante, e rico; pelo meio do qual passa o rio Ganges.

Benjamin, Tribu entre os Hebreos, o qual por forçarem huma mulher do Tribu de Levi, acabou de todo, e a terra foi assolada.

Benomotapa, ou Menomotapa, he o mesmo que en-

Brasil, Provincia na America, chamada por outro nome Sancta Cruz, o qual lhe deo Pedralves Cabral, que a descobrio no anno de 1500.

Brava, Cidade na costa de Melinde.

Bretanha, he Inglaterra.

Briareo, Gigante célebre, filho da terra, do qual dizem, tinha cincoenta corpos, e cem braços.

Brigo, segundo algũus, Rei de Hespanha.

Brussios, ou Barussios, Povos de Brussia, Provincia de Sarmacia.

Busiris, foi hum grande tyranno de Egypto, o qual sacrificava os hospedes a seus idolos.

Byzancio, he Constantinopla, Corte agora do Graõ Turco.

C.

Cadmo, filho de Agenor, Rei de Phenicia, o qual indo por mandado de seu pai buscar a Europa sua irmãa, que Jupiter havia furtado; como a naõ achasse, nem se atrevesse tornar a seu pai sem ella, fundou em Beocia a Cidade de Thebas; e como seus companheiros fossem já todos mortos por huma grande serpente, que sahio de huma fonte, onde haviam ido por agua, Cadmo em vingança delles a matou, e semeando seus dentes, nascêraõ delles homẽes armados; os quaes pelejando entre si, se matáraõ; excepto cinco, com que edificou a Cidade.

Cairo, grandissima e admiravel Cidade, edificada no

Camenas, nome das Musas.

Campaspe, huma das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, vio o ao pintor taõ namorado, que lha deo por mulher.

Canace, filha de Eolo, Rei dos ventos, a qual secretamente concebeo, e pario de Macareo seu irmaõ: e entendendo isto seu pai, mandou deitar os meninos aos cães, para que os despedaçassem: e tomando Canace huma espada n'huma maõ, e a penna n'outra, escreveo a seu irmaõ aquella carta, que Ovidio refere entre as Heroidas.

Cananor, Reino da India, na costa de Malabar.

Canará, saõ os moradores do Reino Bisnagar.

Canareas, saõ doze Ilhas no mar Oceano, as quaes os Escriptores antigos chamavaõ Fortunadas.

Cancro, Signo celeste.

Candace, Rainha de Ethiopia, no tempo de Augusto; de taõ grande animo, e de tal merecimento entre os seus, que dalli por diante todas as Rainhas de Ethiopia foraõ chamadas Candaces.

Cannas, Lugar de Apulia, junto ao qual Annibal desbaratou os Consules Paulo Emilio, e Terencio Varraõ, com morte de 40000. Romanos, e foi taõ grande o número dos Cavalleiros mortos, que se tomáraõ tres alqueires de annéis, os quaes só a gente nobre podia trazer; e foi a maior perda que os Romanos tiveraõ em sua Monarchia.

23.

Cassio Sceva, Capitam de huma companhia de Cesar, o qual estando á porta de hum Lugar de Macedonia, foi comettido por muitos inimigos, e tendo já hum olho quebrado, muito mal ferida huma coxa, e o braço, e o escudo despadaçado, com muitas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render.

Castelbranco, foi Dom Pedro de Castelbranco, Capitam de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Turcos.

Castella, saõ duas Provincias de Hespanha, com este nome, e dividindo-se com huma montanha, que começa nos confijs de Navarra, e atravessa quasi toda Hespanha até o mar : se distingue tambem com os nomes de Velha, e Nova. Da Nova he cabeça Toledo, e da Velha Burgos.

Castro, foi Dom Joaõ de Castro, Vice-Rei da India, o qual teve muitas victorias contra ElRei de Cambaia, e contra o Hidalcaõ, e fez outras muitas cousas dignas de memoria.

Catharina, Virgem, e Martyr, sepultada no monte Sinai.

Catilina, Lucio Sergio Catilina, Consul Romano, o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderar-se de Roma.

Cauchichina, he Reino Oriental junto a Cambaia, ao qual os naturaes chamam Cacho.

Caudinas forcas, aquellas, por onde os Samnites, Povos de huma Regiaõ de Italia, obrigaram passar

Cicero, he M. Tullio, filho de hum Tullio, e de Elbia sua mulher, Consul Romano, e per si assaz conhecido, e louvado.

Cicones, Povos de Thracia, os quaes tiveram muita guerra com Ulysses, depois da destruiçaõ de Troia.

Cilicios, saõ os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, Regiaõ da menor Asia.

Cingapura, he hum Cabo de terra, defronte da Ilha Samatra.

Cintra, Lugar de Portugal, na costa do mar Oceano, a cuja serra chama Varraõ monte Tagro, e outros, serra da Lua.

Cinyras, Rei de Chypre, o qual de huma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho e neto de Cinyras.

Cinyrea, he Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida em huma arvore do seu nome.

Circes, saõ as feiticeiras, porque Circe filha do Sol, e de Perse Nympha, o foi taõ famosa, que com seus encantos e feiticerias transformou (segundo contam as fabulas) os companheiros de Ulysses em porcos.

Claudinas forcas, vide Caudinas forcas, que de hum modo, e outro, se póde ler este lugar, alludindo a Claudio Pencio, Imperador dos Samnites, ou ao Lugar, chamado Cauda, onde foi o successo que o Poeta aponta, e atraz explicámos.

Cleoneo leaõ, he o que matou Hercules junto a huma

Colchos, Regiaõ de Asia, que hoje se chama Mingrelia, sujeita ao Graõ Cam, Senhor dos Tartaros; em a qual diziam estava hum vello de ouro, chamado commummente o Vellocino.

Colosso, estatua de metal em Rhodes, dedicada ao Sol; a qual era de muito grande altura, e por este respeito tida por huma das sete maravilhas do Mundo.

Columbo, Lugar pequeno, mas o principal porto da Ilha de Ceilaõ.

Comorim : he este Cabo defronte de Ceilaõ.

Conca, Cidade de Castella a Velha, donde nasce o Rio Tejo.

Congo, Reino antiquissimo de Africa.

Constantino: o primeiro foi por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeo a Cidade de Constantinopla : o segundo, foi Constantino Magno, filho de Santa Helena, o qual fez a Constantinopla Cabeça do Imperio.

Constantinopla. Veja-se Byzancio.

Cordova, Cidade clarissima de Hespanha Bethica, Cabeça do Reino do mesmo nome, e patria dos dous Senecas, e Lucano.

Cori, he o mesmo que Comorim.

Coriolano, Varaõ illustre Romano, a que Cicero em muitos lugares compara com Themistocles; o qual sendo em humas dissenções lançado fóra de Roma, por vingar sua injúria, lhe fez depois muita guerra.

Cyclopes, foram tres, Brontes, Steropes, e Piramon, filhos de Neptuno; aos quaes fingem os Poetas obreiros de Vulcano, ferreiro de Jupiter seu pai, em a Ilha Lipara, huma das Eolidas, que estaõ entre Italia, e Sicilia.

Cylleneo, he Mercurio, chamado assi de Cyllene, monte de Arcadia, onde nasceo, e era venerado.

Cyniphio, rio de Africa.

Cynosura, constellaçaõ celeste, chamada por outro nome Ursa maior.

Cyparisso, filho de Telepho, matando por desastre hum cervo, a que elle amava muito, ficou taõ sentido, que Apollo, de quem foi muito amado, tendo piedade delle o converteo em cypreste.

Cyphisio, flor, he o lyrio, em que Narciso, filho da Nympha Lyriope, e do rio Cyphiso, foi convertido.

Cypria, deosa : he Venus, chamada assi de Cypro, onde era venerada.

Cypro, he a Ilha de Chypre, no mar Mediterraneo, sujeita ao Graõ Turco.

Cyro, Rei dos Persas : veja-se Araspes, para entendimento do Poeta.

Cythéra, Ilha no Peloponeso, chamada hoje Cetige, dedicada a Venus, a quem por essa razaõ chamam Cytheréa.

D.

Dabul, Lugar de Cambaia, que Dom Francisco de Almeida, Viso-Rei da India, entrou á força de ar-

Decios, Romanos fortissimos, os quaes amáram tanto sua patria, que se sacrificáram por ella; o pai na guerra Latina, o filho na Hetrusca, e o neto em a guerra que Pyrrho fez pelos Tarentinos.

Dedalea faculdade, obra e artificio de Dedalo, Architecto famoso.

Deli, Reino muito grande no Oriente, aindaque hoje muito menor do que já foi.

Delio, he o Sol, chamado assi da Ilha Delos, onde dizem que nasceo.

Delos, Ilha no mar Egêo, ou Myrthoo, aonde Latona pario a Apollo, e a Diana, e desde entaõ ficou firme, sendo de antes instavel, e que andava vagando pelo mar: por outro nome se chama Ortygia.

Demodoco, Musico e tangedor excellentissimo da Ilha dos Pheaces, que he a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcyra.

Diana, filha de Jupiter, e de Latona, deosa da castidade, e da caça. E a mesma que Lũa no Ceo, e Proserpina no inferno, e assi a pintavaõ os Antigos com tres rostos.

Dina, filha de Jacob, a quem a furtou Sichem, filho de Hemor, por cuja causa foi morto, e todos os seus, e a terra destruïda.

Dinis, he Dom Dinis, Rei de Portugal, filho d'ElRei D. Afonso o Terceiro.

Dio, ou Diu, Cidade maritima em o Reino de Cambaia, fertil, abundante, sádia, e de muito trato.

E.

Egêo, nome de hum Gigante, filho de Titano, e da terra.

Egypcia terra, he o Egypto, Regiaõ junto de Africa, e parte de Asia, abundante pela inundaçaõ do rio Nilo, da qual era Raïnha Cleópatra, famosa, mas pouco honesta.

Elvas, Cidade na arraia de Portugal, e Praça frontei-ra a Badajoz.

Elysios, os campos Elysios, onde os bemaventura-dos, despois de passar desta vida (conforme a opi-niaõ dos Ethnicos) hiam descansar e gozar de per-pétua felicidade: hũus os põe nas partes de Anda-luzia, e outros em Beocia, junto da Cidade de Thebas.

Emathio, campo de Emathia, Regiaõ da Grecia, cha-mada por outro nome Thessalia, e Emonia, onde Pompeio foi vencido de Julio Cesar seu sogro.

Emodio, he hum esgalho do monte Tauro, o qual serve de termino pela parte do Norte, á terra a que chamamos India, e os naturaes e visinhos Indostan.

Encélado, Gigante grandissimo, filho de Titano, e da terra.

Enéas, Varaõ Troiano, filho de Anchises, e da deosa Venus, bem conhecido pelos versos de Virgilio.

Eniocos, povos de Sarmacia Asiatica, que hoje cha-mamos Moscovia.

Eolo, filho de Jupiter, e de Sergesta, Rei das Ilhas Eolias, dito Rei dos ventos, e das tempestades.

Estygio lago, o que os Poetas fingem haver no inferno: o qual dizem haver sido taõ venerado dos proprios deoses, que quando juravam por elle, naõ ousavam quebrar o juramento.

Esyre, Nympha filha do Oceano, e de Tethys.

Ethiopia, Regiaõ de Africa, entre Arabia, e Egypto.

Etna, monte altissimo de Sicilia, chamado hoje Mongibello, o qual deita de si chammas de fogo.

Evora, Cidade célebre de Portugal.

Euphrates, Rio célebre de Asia que corre por hum lado de Mesopotamia : he hum dos quatro Rios que nascem no Paraiso Terreal, como parece no Genesis, cap. 2.

Europa, huma das quatro partes da terra.

Euridice, mulher de Orpheo, musico, e tangedor excellentissimo, o qual com sua viola attrahia a si homẽes, pedras, arvores e outras cousas insensiveis; e fazia que os rios se detivessem a ouvir sua musica.

Eurysteo, Rei de Grecia; o qual á instancia de Juno, mandava Hercules a varias emprezas, todas muito perigosas, a fim de que em alguma perecesse.

Euxino mar, he o que hoje chamam mar maior, onde esta a grande Cidade de Constantinopla, pelo qual navegou a náo Argô, da qual tratámos já em seu lugar.

F.

Falerno, monte de Campania, em o qual se daõ vinhos excellentissimos.

G.

Gaditano mar, he o Occidental, dito assi de Gades, que he a Ilha de Cadis, sita no Poente.

Galathea, Nympha do mar, filha de Nereo, e Doris, a qual foi muito amada do Gigante Polyphemo.

Galerno, he o mesmo que Favonio vento, ou Zéphyro.

Gallegos, povos de Hespanha.

Gallia, he França.

Gallo, o Francez.

Gambea, rio de Africa, que algũus querem seja o Niger.

Ganges, rio da India, por outro nome Phison, hum dos quatro que nascem no Paraiso Terreal.

Gangetico, cousa do Ganges.

Garumna, rio de França, o qual nasce nos montes Pyreneos, e dividindo a Gasconha de França, entra no mar Oceano.

Gate, monte do Reino de Narsinga, o qual serve aos Malabares de muro, contra os moradores de Bisnaga visinhos.

Gedrosia, Provincia de Africa, na Costa de Guiné.

Georgianos, povos de Asia menor, sujeita hoje ao Turco.

Germano, quer dizer Alemam.

Gerum, he huma pequena Ilha, onde está situada a Cidade Ormuz.

Gidá, a que outros chamam Judá, Cidade na Costa de Arabia, e porto da Cidade de Meca.

Gigantea, cousa de Gigante.

Gigantes, foram, segundo os Poetas, filhos de Titano,

tarem, fizeram grandes cousas em França, onde passáram a ganhar fama, por sua cavallaria, como entaõ se costumava; e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a hum Castelhano, e em humas justas reaes, que ElRei de Castella fez á sua instancia, fizeram todos tres muitas vantagées.

Gonçalo: este foi o Beato Gonçalo da Sylveira da Companhia de Jesus.

Gotthica gente, os Godos, povos de Scythia, espanto antiguamente de toda Italia, aonde fizeram grandes crueldades, seguindo a Atila seu Rei, e seu Capitam.

Granada, Reino de Hespanha, he huma Cidade assi chamada, na Provincia que he Andaluzia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, Regiaõ de Europa, em todas as disciplinas antiguamente celeberrima, hoje quasi sujeita aõ Turco.

Grego sabio, he Ulysses, natural de Grecia.

Guadalquivir, he o Bethis Rio, que passa por Sevilha.

Guadiana, rio de Hespanha, que nasce junto á serra de Alcarraz; e junto de hum Lugar que chamam Puebla de Alcaçar, se mete debaixo do chão, e vai sahir dahi nove ou dez leguas.

Guardafu, o Cabo a que os Antigos chamam Aromata, no fim da terra de Africa, e principio de Asia.

Gueos, povos sujeitos ao Rei de Siaõ.

H.

Helicon, monte de Beocia, naõ longe de Parnaso, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Helio Gabalo, Imperador Romano, o mais vicioso, e affeminado homem, que houve no Mundo.

Helle, filha de Athamante Rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmaõ Phrixo, do odio e traições de sua madrasta Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pai lhe dera, cahio no mar; o qual por esta occasiõ se ficou dalli chamando Hellesponto.

Hellesponto, he hum braço de mar que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galipoli, ou braço de S. Jorge.

Hemispherio, quer dizer meia esphera, que significa redondeza; e assi chamam os Gregos ao Mundo, como os Latinos, Orbe.

Hemo, monte de Thracia altissimo, em o qual se diz estar o domicilio de Marte: hoje se chama cadêa do Mundo, e toda esta terra he sujeita ao Turco.

Henrique. O primeiro de que o Poeta faz mençaõ, foi o Conde Dom Henrique, pai d'ElRei Dom Afonso Henriques, primeiro de Portugal. O segundo, o Infante Dom Henrique, filho terceiro d'ElRei Dom Joaõ o primeiro, com que se achou na tomada de Ceita, e foi o primeiro que entrou as portas della, como o Poeta adiante diz no Canto VIII. e XXXVII. O terceiro, foi hum Cavalleiro Alemam, o qual morreo nesta Cidade de Lisboa, quando foi tomada

diz tinham hum pomar que dava frutos de ouro, e era guardado por hum dragaõ, que nunca dormia, mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Habitavam as Hesperides em humas Ilhas, que de seu nome, ou de Hespero seu pai, se chamavam Hesperides, e confórme a opiniaõ de algũus, saõ as que hoje dizemos do Cabo Verde.

Hesperio, he o mesmo que Hespero.

Hidalcaõ, Principe poderosissimo da India, em o Reino Decan, onde está a Cidade de Goa, a quem o dito Hidalcaõ cercou no anno de 1572. com 7000. Infantes 3500. cavallos, 200. elephantes, e 250. peças de artilheria, sem lhe aproveitar nada.

Hierosolyma Cidade, de Hierusalem.

Hierusalem, Cidade principal, naõ só de Judéa, mas de todo o Mundo, e onde foi obrado o mysterio principal de nossa Redempçaõ.

Hippocrene fonte de Beocia, nascida, como os Poetas dizem, da ferida que o cavallo Pégaso alli fez com o pé; a qual he dedicada ás Musas.

Hircinia montanha, dizem ser hum bosque muito grande, e muito espesso, entre o qual, e a terra de Sarmacia, está Alemanha.

Homero, Poeta Grego, e Principe dos Poetas: e por elle ser este, depois de morto, contendêram muitas Cidades de Grecia sobre qual dellas era sua Patria.

Horizonte, no sentido do Poeta he aquella parte do Ceo onde o Sol começa mostrar seus raios.

I.

só Rei, ao qual elles chamam Voo, e o que agora reina se chama Tuxo Gunzama.

Japeto, Gigante, filho de Titano, e da terra, e pai de Prometheo, do qual contam os Poetas, que fazia homẽes de barro, com tanto engenho, que pareciam vivos; e vendo acaso Minerva a sua obra, lhe deo ajuda para subir ao Ceo, donde trouxe fogo, que tirou do carro do Sol, com que deo vida aos homẽes, que de barro fazia, et daqui vem que algũus hoje presumem ser filhos do mesmo Sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento, o mandou amarrar no monte Caucaso com huma aguia, a qual de contino estivesse comendo-lhe as entranhas.

Jaquete, Lugar do Reino de Cambaia, ao longo da costa, junto ao qual faz o mar huma enseada muito metida pela terra dentro, em a qual o mar enche e vasa com tanta pressa, que transtorna todo o navio, que naõ acha com a prôa para a corrente da agua.

Jasque, hum Cabo nas partes da India, chamado antiguamente Carpella, cujo sertaõ he muito esteril, e foi dito Carmania.

Ibero, he o Ebro, Rio de Hespanha; e assi terras Iberinas, terras de Hespanha.

Idalio, monte, bosque, e castello na Ilha de Chypre, dedicada a Venus.

Idaspe, vê Hydaspe.

Idéa selva, huma do monte Ida, junto a Troia, em

huma redoma, que cheia della trouxe desde Hierusalem até Veneza, distante mais de 700. leguas huma da outra, segundo o caminho que fez.

Ios, ou Chios, Ilha no mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o Poeta Homero.

Ismael, filho de Abrahaõ, e de Agar escrava sua, do qual os Mouro saõ chamados Ismaelitas.

Ismar, hum dos cinco Reis Mouros, a quem ElRei Dom Afonso Henriques venceo no campo de Ourique.

Israel, nome que o Anjo poz a Jacob.

Istro, Rio grandissimo de Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.

Italia, nobilissima Regiaõ de Europa.

Ithaco, he Ulysses, chamado assi de Ithaca sua patria, Ilha do mar Egeo, vulgarmente dita Val du Compare, muito montuosa, et de pouco valor.

Juba, Rei antigo de Mauritania.

Judaico Rei, entende Ezechias, o qual estando já sentenciado por Deos á morte, foi milagrosamente por suas lagrimas remediado.

Judéa, Regiaõ de Syria na Asia maior, a qual he parte de Palestina, chamada na Escriptura terra de Promissaõ, em a qual está a Cidade santa de Hierusalem; e he toda sujeita ao Turco.

Juditta, vê Balduïno.

Juliana manha, a que o Conde Juliaõ teve para perder Hespanha, metendo por Ceita os Mouros nella.

L.

Leaõ, Reino de Hespanha, sujeito á Corôa de Castella.

Leiria, Cidade de Portugal

Leoa, serra asperrissima na costa de Africa.

Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual dizem era muito gracioso, e namorado.

Leonor, foi Dona Leonor Telles de Menezes, mulher de Joaõ Lourenço da Cunha, a quem ElRei D. Fernando a tomou, et se casou com ella.

Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano, e Marco Antonio, sendo Consules, e inimigos entre si capitaes, vieram à dividir o Imperio Romano, que juntos governáram doze annos, e fizeram huma liga, e concerto, em que cada hum delles entregasse seus inimigos: e assi Marco Antonio entregou a Lucio Antonio seu tio, irmaõ de seu pai: Marco Lepido, a Paulo seu irmaõ: Cesar Octaviano a Marco Tullio Cicero, a quem sempre chamára pai, e de quem fora sempre tratado como filho.

Levante, he onde o Sol nasce.

Leucate Promontorio no Epyro, que hoje se chama Albania, e perto de outro Cabo chamado Accio, entre os quaes foi aquella memoravel batalha entre Octaviano Augusto, et Marco Antonio, em a qual Marco Antonio, e Cleopatra Raïnha do Egypto, foram desbaratados.

mada do Samori, composta de 8 nãos grossas, e 124 paraos, em que havia gente sem conto.

S. Lourenço, Ilha famosa na costa da Ethiopia, a que os da terra chamaõ Madagascar. Ha nella differentes Reis, hũus, Mouros, outros Gentios.

Luis, foi nono do nome em Franca, e dos Reis 45. fiilho de Luis oitavo, canonizado por Sancto na Igreja de Deos, pelo Papa Bonefacio VIII. anno de 1197.

Lusitania, he Portugal.

Luso. Vide Lysa.

Lycia, Regiaõ da menòr Asia, célebre pelo Oraculo de Apollo: cujos moradores, dizem os Poetas, foram convertidos em rãas, por negarem agua a Latona, passando por alli, em tempo de grande calma, apertada da sede.

Lyeo, hum dos nomes que os Poetas daõ a Baccho, que os Antigos tinham por inventor do vinho, havendo-o sido o Patriarcha Noê.

Lynces, animaes que vem muito.

Lysa, ou Luso, companheiro, ou filho de Baccho: de cujo nome, Portugalo se disse Lusitania.

M.

Macedonia, Provincia de Europa, dita assi de Macedon filho de Osiris, célebre pelos dous Reis Philippe, e Alexandro. Tambem se disse Emacia, ou Emathia, e agora Turquesia.

Aurea, assi pelo muito ouro que nella ha, como por sua formosura, e abundancia de todas as boas cousas do Mundo. Diz-se por outro nome Cherso-neso.

Malaios, os moradores, e povos de Malaca.

Malavar, Reino do Oriente, onde está situada a Cidade de Calecut.

Maldiva, huma das Ilhas deste nome, e principal de todas ellas, sitas defronte da costa da India: debaixo da agua tem arvores que daõ o coco, que chamamos de Maldiva.

Maluco, saõ cinco Ilhas deste nome, em as quaes se dá o cravo.

Mandinga, Provincia grandissima de Negros, em a costa de Africa, a qual he muito abundante de ouro.

Manoel, foi ElRei Dom Manoel, primeiro do nome, e 15. dos Reis de Portugal, et filho do Infante Dom Fernando, em cujo felicissimo Reinado se descobrio e conquistou a India.

Marathonios campos, estaõ na Regiaõ Attica de Grecia, em os quaes Melciades, valerosissimo Capitaõ dos Athenienses, desbaratou a Date, Capitam de Dario Rei dos Persas.

Marcello, he Marco Marcello, Capitam Romano valerosissimo, o primeiro que venceo a Annibal, Capitam dos Cartaginenses.

Pedro Mascarenhas Capitam de Malaca, que por secunda via succedia a Dom Henrique de Menezes em o governo da India, mas por estar ausente, lhe naõ foi possivel. Este Fidalgo foi muito valeroso, e tomou a Ilha Bintao, sujeita aos Reis de Malaca, sendo que havia nella 300. peças de artilheria, e outros muitos petrechos, e invenções de guerra, álem de huma armada d'ElRei de Pam. O outro, Dom Joaõ Mascarenhas, Capitam de Diò, no tempo de Dom Joaõ de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de 30 mil homẽes, e 6 mil Turcos, com menos de 600 Portuguezes, por espaço de seis mezes, até que foi soccorrido, com que depois ganhou huma grande victoria em batalha campal.

Mascate, Lugar, que está de Socotorá para Ormuz.

Massilia, he a que por outro nome chamamos Mauritania, e commummente Barbaria.

Dom Mattheus, Bispo de Lisboa, dando batalha a quatro Reis Mouros; a saber, ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinham a soccorrer os Mouros de Alcaçar, com muito menos gente os venceo, e os quatro Reis foram mortos, e muita de sua gente.

Mavorte, he o mesmo que Marte, deos da guerra.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, Cidade de Arabia, em a qual ha hum poço, com cuja agua dizem os Mouros se lavava Mafame-

ga, em a qual padeceo martyrio o Apostolo S. Thomé : que hoje está nella sepultado.

Melinde, Cidade na costa de Africa, cujo Rei foi sempre grande amigo dos Portuguezes.

Melique Yaz, hum Mouro, que de captivo de hum Mercador, veio a ser Senhor de Dio, Cidade rica, e bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, Aio, e amo d'El-Rei Dom Afonso Henriques, foi esforçadissimo Cavalleiro.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, foi Fidalgo mui valeroso no tempo d'ElRei Dom Joaõ o Primeiro.

Memnon, filho de Titam, e da Aurora, de quem, morto por Achiles, foi convertido em ave.

Memnonio, he o mesmo que Memnon.

Memphis, he hoje a graõ Cidade do Cairo no Egypto.

Memphitico, quer dizer cousa do Egypto, onde Anubis Idolo era adorado em figura de cam.

Menaõ, Rio, (cujo nome na lingua dos naturaes quer dizer mãi das aguas) divide de alto abaixo o Reino de Siaõ, e dizem que tem de comprimento mais de 300. leguas.

Menezes: o primeiro foi Dom Duarte de Menezes filho herdeiro de Dom Joaõ de Menezes Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. Joaõ, Capitam de Tangere, e Mordomo mór da casa d'El-Rei Dom Manoel, e seu Alferes mór, pessoa notavel neste Reino, por seu sangue, e cavallaria. O

a Cidade de Marrocos para Metropoli, e Cabeça de seu estado.

Mirhocem, foi hum Capitam do Soldaõ do Egypto.

Moçambique, huma povoaçaõ pequena em a costa de Ethiopia : a qual he hoje a principal escala que as nossas náos tem na viagem da India.

Moçandaõ, he hum Cabo chamado por outro nome Asaboro entre Arabia, e Persia.

Mogor, he o que commummente chamamos Tartaro.

Moloso, he o lebreo, chamado assi de Molosia, Provincia de Epyro, que hoje se diz Albania, donde vem os melhores.

Mombaça, Lugar na costa de Melinde, em o qual he todo o mato de laranjaes.

Monçaide, foi hum Mouro natural de Tunes, o qual estava em Calecut quando Vasco da Gama alli chegou : e se fez taõ familiar dos Portuguezes, com que havia communicado em Oraõ, que se veio com elles a este Reino, onde recebeo a Fé de Nosso Senhor Jesus Christo, em a qual morreo.

Mondego, Rio entre nós bem conhecido : nasce e morre dentro deste Reino.

Morphéo, fingiram os Poetas ministro ou filho do somno.

Moscos, os de Moscovia.

Moscovia, por outre nome a Russia, he hoje o Imperio do Graõ Duque : em o qual ha o animal Ze-

N.

Narsingua, Reino grande e rico do Oriente, o qual por outro nome se chama Bisnagá, da grandissima Cidade Bisnagá, Cabeça e Metropoli do Reino.

Navarra, parte e Reino septentrional de Hespanha.

Navarro, o de Navarra.

Nectar, dizem os Poetas, que he o beber dos deoses, Como a Ambrosia, o comer.

Neméo, animal, he o leaõ, que Hercules matou no bosque Neméo em Achaia.

Nemesis, chamada por outro nome Rhamnusia, foi filha do Oceano, e da noite, e tida dos Antiguos por deosa da Justiça.

Neptuno, filho de Saturno, e de Opis, foi entre os Antigos tido por deos do mar, e o principal de todos os deoses marinhos. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Nereidas, as Nymphas filhas de Nereo, e de Doris.

Nereo, deos do mar, filho do Oceano, e Tethys, o qual da deosa Doris sua mulher teve grande numero de filhas, as quaes se dizem Nereidas; figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

Nero, cruelissimo Imperador dos Romanos.

Nhaia, he Pero da Nhaia, Castelhano, mas casado em Portugal, e morador em Santarem, o qual fez a Fortaleza de Sofala, e matou o Rei Mouro da terra, que lho queria impedir.

Nicoláo Sacro, pelo bemaventurado Saõ Nicoláo, grande advogado dos navegantes.

defensor delles; de cujas maravilhas està o Mundo cheio.

Nymphas, deosas que os Poetas fingem; das quaes as que presidem nas aguas se chamam Naiades; as que nos montes Oreadas; as que nas arvores e bosques, Driades, Hamadriades, e Napéas.

O.

Obi, Rio do Oriente.

Obidos, Villa de Portugal.

Oceano, filho de Celo, e Vesta, deos do mar, casado com Tethys, e pai de todos os rios, e fontes. Os Poetas o tomáram por qualquer mar.

Octaviano, Cesar Octaviano, Imperador de Roma.

Octavio, he o mesmo que Octaviano.

Ogygia, Ilha no mar Jonio.

Oja, Cidade na Costa de Melinde.

Olympica morada, he o Ceo.

Olympo, monte de Macedonia, chamado hoje de Sancta Cruz, pelo successo que alli teve Sancta Helena vindo de Hierusalem. Diz-se que he taõ alto, que passa a Regiaõ do ar, e ordinariamente se toma pelo mesmo Ceo.

Omphale, Rainha de Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar e lavrar como mulher.

Ophir, Regiaõ cêlebre na sagrada Escriptura, abundantissima de ouro, pelo que algũus tem para si, que he a Ilha Samatra junto à Malaca.

P.

Em satisfaçaõ do que, despois de muitas persegui-çoẽs, veio a morrer pelos hospitaes.

Pactolo, Rio de Lydia, que dizem levar aréas de ouro.

Pado, o mais famoso Rio de toda Italia: os Gregos lhe chamam Eridano, e nós vulgarmente o Pó.

Paio, he Dom Paio Correa, Portuguez de naçaó, Mestre de Calatrava em Castella, grande Cavalleiro, e perseguidor de Infiéis.

Pallas, he Minerva.

Palmella, Villa de Portugal, e Cabeça dos Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago neste Reino.

Pam, neste Poema naõ he o deos dos Pastores, mas hum Reino do Oriente.

Panane, huma das principaes povoações d'ElRei de Calecut.

Panchaia, Regiaõ de Arabia, em a qual ha muitas arvorês de encenso.

Pannonios, os de Pannonia, Regiaõ vastissima de Europa, agora dita Hungria.

Panopéa, Nympha do mar, filha de Nereo, e Doris.

Panthea, mulher de Abradatas, Rei dos Susos, formosa, e casta. Vide Araspas.

Paphia deosa, he Venus, de Paphos.

Paphos, Cidade da Ilha de Chypre, dedicada a Venus, donde foi chamada Paphia.

Parcas, saõ tres, Cloto: Lachesis, e Atropos, filhas de Erebo, e da noite, as quaes dizem os Poetas,

sobrinho; o qual Infante esteve em Alemanha, onde fez muitas cousas memoraveis. O quarto, o Conde Dom Pedro, filho de Dom Joaõ Afonso de Menezes, Conde de Viana; foi o primeiro Capitam e Governador de Ceita, a qual defendeo dc dous cercos valerosissimamente contra toda a Barbaria. O quinto, Dom Pedro de Sousa, Capitam de Ormuz, mnito esforçado Cavalleiro. E o sexto, Pedro Rodrigues, chamado do Alandroal, por ser Alcaide mór desta Villa, Cavalleiro de muito valor, em tempo d'ElRei Dom Joaõ o Primeiro.

Pegú; Reino Oriental, em o qual ha muito ouro, e outras pedras preciosas, e abundancia de mantimentos.

Peleo, Rei de Thessalia, o qual foi casado com Tethys, senhora do mar.

Penates, os deoses, a que honravam os Gentios dentro de suas casas.

Peno asperrimo, he Annibal.

Perillo, hum homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris Tyranno hum genero de tormento para matar os homẽes, a que era naturalmente pouco inclinado, que foi hum touro de metal, em o qual metidos os homẽes, e posto debaixo fogo, bramavam como touros; e o primeiro que padeceo esta cruel morte, foi o mesmo Artifice.

Perithoo, filho de Ixiaõ, intimo amigo de Theseo.

pos, em os quaes foi aquella batalha de Cesar, e Pompeio, e a de Octaviano, e Marco Antonio, contra Bruto, Cassio, et outros conjurados.

Philippo, Rei de Macedonia, pai do grande Alexandre.

Philomela, he o rouxinol, em que foi convertida huma filha de Pandion deste nome.

Phlegon, hum dos cavallos do Sol.

Phocas, lobos marinhos.

Phormiaõ, Philosopho da seita dos Peripateticos, o qual indo hum dia Annibal ouvi lo á sua escóla, lhe fez huma larga Oraçaõ sobre o officio do bom Capitam, e cousas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circumstantes ficaram todos admirados, excepto Annibal, que só o teve por doudo.

Phrygios, he o mesmo que Troianos.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Plinio, dito Caio Plinio segundo, natural de Verona, viveo nos tempos de Vespasiano, cujos negocios administrava. Escrevo huma obra da natureza das cousas, e morreo no incendio do monte Vesuvio, querendo esquadrinhar a causa delle.

Plutaõ, Rei dos infernos, segundo os Poetas.

Poleás, saõ pela maior parte escravos dos Naires, em a India, e taõ vis entre elles, que o Naire que trata com Poleá, tem pena de morte: e o Poleá

Poro; antiguo Rei de Guzarate, grande Cavalleiro, muito esforçado, e muito bellicoso.

Prasso promontorio, he o que commummente chamamos Cabo das correntes.

Progne, filha de Pandiaõ, Rei de Athenas, e irmãa de Philomela, a qual matou a seu filho, eo deo a comer a Tereo seu pai, convertida despois em andorinha.

Prometheo. Vide Japeto.

Protheo, monstro marinho, do qual contam os Poetas, que se transformava em varias fórmas. Este tem cuidado dos peixes do mar, que he o seu gado, e he grande adivinhador.

Ptolemeo, Astrologo insigne, natural de Egypto. Vide Arsinoe.

Pyrene, filha d'ElRei Bebryce, a qual morta pelas féras, f i sepultada em os montes, que de seu nome se chamáram Pyreneòs, os quaes dividem a França de Hespanha.

Pyreneo. Vide Pyrene.

Pyrois, nome de hum dos cavallos do Sol.

Pyrro, filho de Achilles, e de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pai, sacrificou em seu sepulchro a Policena, filha de Priamo, Rei de Troia.

Q.

Quedá, Cidade do Reino de Siaõ.

Quilmance, Lugar situado na boca do Rio Rapto,

R.

dos Cavalleiros de Saõ Jaõ, hoje possuida dos Turcos.

Rhodope, monte de Thracia.

Ripheos, montes septentrionaes de Scythia.

Roçalgate, Cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o Reino de Ormuz.

Rodrigo, entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Rui Dias, que foi valeroso nas armas, e ganhou muitas terras aos Mouros, havendo muitas victorias delles.

Rogeiro, hum dos Paladinos, de que tratei na dicçaõ Orlando.

Roma, Cidade a mais célebre e nomeada de todo o Mundo, por haver n'outro tempo sobjugado, e metido debaixo de sua obediencia quasi todas as nações, e Provincias, que estaõ debaixo do Ceo, e por ser ao presente a Cidade Metropolitana de toda a Christandade.

Romanos, os de Roma.

Romulo, primeiro Fundador, e primeiro Rei de Roma.

Rui Pereira, Cavalleiro esforgado, e leal Portuguez.

Rumes, saõ os Turcos, chamados assi por virem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Ruthenos, chamados por outro nome Roxolanos, ou Russios, saõ os do Reino de Polonia.

S.

gues em Africa, dos primeiros negros da Guiné, chamados Gelofos.

Sancho: o primeiro foi ElRei D. Sancho, filho d'ElRei D. Afonso Henriques, muito esforçado, e valeroso; e o segundo, ElRei Dom Sancho Segundo, chamado Capello, filho d'ElRei Dom Afonso o Segundo, remisso, e descuidado.

Sansaõ, Hebreo de naçao, filho de Manué, do Tribu de Dan, foi milagrosamente dado por Deos a Manué, sendo esteril sua mulher, para destruiçaõ dos Philistheos inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.

Santarem, Villa nobre de Portugal, junto ao Tejo, quatorze leguas de Lisboa.

Sant-Iago, Apostolo sagrado, Padroeiro dos Hespanhoes.

Sara, mulher de Abrahaõ. Vide Pharaó.

Sarama. Vide Perimal.

Sardanapalo, ultimo Rei dos Assyrios, monstro de sensualidade, e luxuria.

Sarmatas, os de Sarmacia, Provincia antigua, chamada agora Livonia.

Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarracenos, nome de que os Mouros se jactaõ muito, dizendo que procedem de Sara, mulher de Abrahaõ.

Saturno, filho de Celo, e Vesta, do qual fingem os Poetas que comia todos os filhos que Opis sua mulher paria, e assi he figura do tempo que tudo gasta.

cornio, Signo celeste, o qual se pinta meio peixe, meio cabra.

Semiramis, Raïnha dos Assyrios, infame por sua luxuria, aindaque bella, e valerosa.

Séquana, he o Rio Sena, que passa por meio da grão Cidade de Paris em França.

Serpa, Villa de Portugal, na Comarca dó Alemtejo.

Septentrional meta, he o Norte.

Sertorio, natural de Nursia, (que hoje chamamos Nezza em Italia) o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos Romanos, e lhes venceo muitos Capitães. Este fez seu assento em Evora, a que ennobreceo muito, e fez trazer a ella a agua da prata para seu ornato, e provimento.

Sevilha, Cidade celebre em Hespanha, pela qual passa o Rio Bethis.

Siaõ, Reino poderoso da India.

Sichem, filho de Hemor, foi morto, e todos os seus, e a terra destruïda, por tomar Dina a Jacob seu pai.

Sicilia, Ilha famosa, e assaz conhecida, a qual foi antiguamente junta com Calabria, e a dividio hum terremoto, pondo em meio aquelle mar chamado estreito de Messina. Foi mãi dos maiores tyrannos do Mundo.

Siculo mar, o de Sicilia.

Siene, Cidade de Egypto, em a qual dizem, que em certo tempo do anno saõ nella taõ direitos á hora de

Gardafú, em a qual se dá o páo Aloe, que he como o páo de Aguila, muito prezado.

Sofala, povoaçaõ na costa de Mombaça.

Soldaõ, titulo dos Reis de Egypto, sujeito hoje ao grão Turco.

Sophenos, os de Sopheno, Provincia de Suria, gente molle, e affeminada.

Strabo. Vide Estrabo.

Suáquem, Cidade, e porto, o melhor de todo o estreito do mar Roxo, cercado do mar á maneira de Ilha; a qual naõ occupa mais terra que a Cidade: cujas casas saõ ao modo de Hespanha.

Suecio, o de Suecia, Provincia de Escandinavia.

Suez, Lugar pequeno, et nobre, na costa do mar Roxo, antiguamente dito Arsinoe, de huma filha ou irmãa de Ptolemeo, Rei do Egypto, que o fundou.

Sumano, he o mesmo que Plutaõ, a que os Antiguos chamáram deos do Inferno.

Sunda, Ilha do Oriente, álèm de Samatra, em a qual ha pimenta muito boa, e hum Rio, que naõ soffre sobre si cousa alguma por leve que seja.

Sylla, nobre Romano, da antigua familia dos Scipiões, mas cruel, e facinoroso: morreo coberto e comido de piolhos.

Sylves, Cidade no Reino do Algarve.

T.

Tauro, hum dos maiores montes do Mundo, o qual abraça toda Asia, desde o Oceano Oriental até o Septentrional; mas com differentes nomes, conforme as varias nações por onde passa.

Tejo, Rio mui celebrado dos Antiguos por suas aréas de ouro: nasce nas serras de Conca, Cidade de Castella a velha, e entra no Oceano, quatro leguas de Lisboa.

Temistitaõ, he nome da Cidade Mexico, na nova Hespanha.

Tenessari, Cidade do Reino de Siaõ, no Oriente, em a qual se dá a melhor pimenta do Mundo, como tambem em Quedá, Cidade do mesmo Reino.

Teresa, mulher do Conde Dom Henrique, pai d'El-Rei Dom Afonso Henriques, o primeiro de Portugal, a qual foi filha d'ElRei Dom Afonso o Sexto, Imperador de Hespanha.

Ternate, huma das Ilhas do Maluco, da qual sahem chamas de fogo.

Tethys, filha de Celo, e Vesta, deosa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar.

Thaumante, pai de Iris, mensageira dos deoses, e principalmente de Juno: toma-se pelo arco celeste, que commummente dizemos da velha.

Thebano, he Baccho, porque sua mãi Semele foi de Thebas.

Themistocles, Capitam Atheniense de grande nome.

mar Adriatico com sete, ou nove bocas, e huma dellas de agua doce.

Timor, Ilha do Archipelago, onde estaõ as Malucas.

Tinga, Cidade na Mauritania, e edificada por Antheo, Rei da ultima parte de Mauritania; hoje se diz Tanger.

Tingitana terra, quer dizer terra de Barbaria.

Titam, fingem os Poetas pai da Aurora, que he a manhãa.

Tito, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, e a assolou, e queimou, naõ deixando pedra sobre pedra.

Tobias, nome proprio, celebrado nas sagradas Letras: pelo seu guiador se entende o Archanjo S. Raphael.

Toledo, Reino de Hespanha, chamado assi de huma Cidade deste nome, sua Metropoli.

Tonante, he Jupiter.

Tormentorio Cabo, he o que commummente chamamos de Boa Esperança.

Toro, Lugar quo fica dezoito leguas do Monte Sinai, muito falto de agua.

Torquato, chamava-se Tito Manlio, homem excellente, e taõ observador da disciplina militar, que fez morrer hum proprio filho, aindaque vencedor, por haver vencido sem sua ordem.

Torres Vedras, Villa de Portugal.

Trajano, Imperador de Romanos, Hespanhol de Naçaõ, o qual sujeitando varias Nações por mar, e

Tyrios, os da Cidade Tyro, de quem se diz foi fundada a Cidade de Cadiz.

Tytiro, pastor celebrado de Virgilio.

V.

Vandalia, he Andaluzia, chamada assi dos Vandalos, Povos de Alemanha; que nesta parte fizeram assento.

Venereo, cousa de Venus.

Veneza, Cidade formosa, e rica, e de grandissimo trato, e commercio, edificada no mar, de que está cercada, e se anda toda por mar.

Venus, entre os Antiguos tida por deosa da formosura, e dos amores lascivos.

Vespero, ou Hespero, he o Planeta Venus, que nas partes Occidentaes, em se pondo o Sol, apparece primeiro que todas as Estrellas, e Planetas, e antes que o Sol saia, se vê tambem no Ceo depois de escondidas as outras Estrellas.

Vesta, filha de Saturno, e de Opis, mãi de Tethys, senhora do mar.

Viriato, Portuguez valerosissimo, o qual de pastor, e depois de salteador, veio a levantar-se com toda Lusitania, por cuja defensaõ deo assaz em que entender aos Romanos, por espaço de 14 annos.

Ulcinde, Reino no Oriente, entre Persia, e Cambaia

Ulysses, o mais astuto e sabio de todos os Gregos,

X.

Z.

Favonio, e viraçaõ, que corre no Veraõ. Os Poetas o fazem casado com Flora, deosa das flores.

Zona, circulo com que os Geographos dividem a terra, os quaes saõ cinco.

Zopyro, vassallo de Dario Rei dos Persas.

FIM.

ERRATA.

TOMO II. CANTO VI.

PAG.	EST.	ERROS.	EMENDAS.
12	27	v. 6 univertal,	*leya* universal.
28	76	2 Neptune,	Neptuno.

CANTO VII.

PAG.	EST.	ERROS.	EMENDAS.
56	est. 52	v. 8 heu seu,	he seu.
60	65	7 sommo,	somno.
61	68	2 Informaço,	Informaçaõ.
65	80	8 accressentar-se,	accrescentar-se.

CANTO VIII.

PAG.	EST.	ERROS.	EMENDAS.
83	est. 37	v. 8 de cidade,	da cidade.
85	43	4 artifico,	artifice.
93	67	7 a os ardores,	e os ardores.
96	77	6 As noás,	As náos.
97	79	8 malia,	malicia.

CANTO IX.

PAG.	EST.	ERROS.	EMENDAS.
136	89	v. 4 sublimida,	*leya* sublimada.

CANTO X.

159	est. 55	v. 8 exceellencia,	excellencia.
171	90	6 e ao ar,	e o ar.
228	linh. 9	Díamente,	Diamante.
251	14	Hercule,	Hercules.
265	14	antigament,	antigamente.
290	14	ateas de ouro,	areas de ouro.
299	7	fiilho,	filho.
299	22	Portugalo;	Portugal.
321	1	Jaõ,	Joaõ.
331	20	quo fica,	que fica.
334	5	nosse conde,	nosso conde.